

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Gabriel Kranen Cunha

**ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DOS TREINADORES DE VOLEIBOL NO
DOMÍNIO DOS CONHECIMENTOS E COMPETÊNCIAS PROFISSIONAIS E NO
RECONHECIMENTO DAS NECESSIDADES DE FORMAÇÃO**

**Porto Alegre
2015**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Gabriel Kranen Cunha

**ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DOS TREINADORES DE VOLEIBOL NO
DOMÍNIO DOS CONHECIMENTOS E COMPETÊNCIAS PROFISSIONAIS E NO
RECONHECIMENTO DAS NECESSIDADES DE FORMAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso, do
Departamento de Educação Física, da Escola de
Educação Física da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. José Cicero Moraes

**Porto Alegre
2015**

AGRADECIMENTOS

Agradeço à todos os técnicos que contribuíram para a realização deste trabalho;

Aos integrantes das equipes de trabalho da Federação Gaúcha de Vôlei e da FUNDERGS, pelo auxílio no contato com os treinadores;

Ao meu orientador, Prof. José Cicero Moraes, e ao Prof. Marcelo Francisco da Silva Cardoso, pela colaboração na confecção deste trabalho;

Aos demais professores, amigos e familiares que de alguma forma contribuíram para a realização deste estudo.

RESUMO

A profissão de treinador esportivo está em constante crescimento, principalmente no voleibol. Paralelamente, cresceram também as exigências e a necessidade de conhecimento prático e teórico dos treinadores. Sendo assim, o presente estudo tem como objetivo identificar a percepção de treinadores de voleibol do Rio Grande do Sul, no âmbito escolar e de entidades esportivas, em relação aos domínios dos conhecimentos e competências profissionais e ao reconhecimento das necessidades de formação e desempenho profissional a este nível, a fim de elaborar um perfil do treinador de voleibol do Rio Grande do Sul e comparar as suas percepções em função do âmbito em que trabalha. A amostra constou de 27 treinadores. Aplicou-se um questionário utilizado por Costa (2005). A análise dos resultados foi realizada através de estatística descritiva, apresentando valores absolutos e percentagens relativas. Nas análises inferenciais, recorremos aos testes de qui-quadrado e ANOVA do tipo One-Way com tratamento post-hoc de Scheffé. Todas as análises foram realizadas adotando o alfa de 0,05. Verificamos que, predominantemente, os treinadores possuem ensino superior completo e acreditam que todos os indivíduos devem ter acesso à carreira de treinador, desde que tenham ensino superior completo ou formação em curso técnico específico. Também julgam importantes e necessárias as competências e conhecimentos, as estratégias de formação e as áreas de necessidade de formação e desempenho da atividade da profissão que foram apresentados neste estudo. Encontramos diferenças entre os grupos de treinadores escolares e de entidades esportivas relacionadas à formação técnica específica, percepção nas competências, desempenho da atividade, entre outras.

Palavras-chave: Voleibol. Treinadores. Percepção. Competências profissionais. Necessidades de formação.

ABSTRACT

The sports coaching profession is constantly growing, especially in volleyball, which shows great evolution in the last two decades. At the same time, the requirements and the need for practical and theoretical knowledge of the coaches increased. Thus, this study aims to identify the perception of volleyball coaches of Rio Grande do Sul, in schools and sports entities, regarding the areas of professional knowledge and skills, recognition of training needs and professional performance at this level in order to draw up a volleyball coach profile Rio Grande do Sul and compare their perceptions depending on the scope of employment. The sample consisted of 27 coaches. A questionnaire used by Costa (2005) was applied. The analysis was performed using descriptive statistics, showing absolute and relative percentages. In the inferential analysis, we used the chi-square test and ANOVA One-Way type treatment with post-hoc Scheffé. All analyzes were performed adopting the 0.05 alpha. We found that predominantly the coaches have completed higher education and believe that all individuals should have access to coaching, provided they have completed higher education or training in specific technical course. Also they find important and necessary skills and knowledge, training strategies and areas of need for training and performance of the profession activity that were presented in this study. Differences between school and sports entities coaches were found regarding specific technical training, awareness on skills, work performance, among others.

Keywords: Volleyball. Coaches. Perception. Professional skills. Need for training.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
1.1. JUSTIFICATIVA.....	12
1.2. OBJETIVOS.....	15
1.2.1 GERAL.....	15
1.2.2 ESPECÍFICOS.....	15
2. REFERENCIAL TEÓRICO	16
2.1 “O PAPEL DO TREINADOR”.....	16
2.2 COMPETÊNCIAS DOS TREINADORES ESPORTIVOS.....	19
2.3 O TREINADOR E SUAS NECESSIDADES DE FORMAÇÃO.....	25
3. METODOLOGIA	35
3.1 MÉTODO.....	35
3.2 AMOSTRA.....	35
3.3 INSTRUMENTO DE PESQUISA.....	36
3.4 PROCEDIMENTOS.....	36
3.5 TRATAMENTO ESTATÍSTICO DOS DADOS.....	38
3.6 PROCEDIMENTO ÉTICO.....	38
4. ANÁLISE DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO	39
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
5.1 PERFIL DOS TREINADORES DE VOLEIBOL DO RIO GRANDE DOS SUL.....	56
5.2 COMPARAÇÃO DOS TREINADORES EM FUNÇÃO DO ÂMBITO EM QUE TRABALHA.....	59
REFERÊNCIAS	63
APÊNDICES	65
ANEXOS	76

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Âmbito em que trabalha.....	39
Tabela 2: Sexo/Gênero.....	39
Tabela 3: Nível de escolaridade dos treinadores.....	39
Tabela 4: Nível de formação técnica dos treinadores.....	40
Tabela 5: Comparação entre os grupos acerca de seu nível de formação técnica específica.....	41
Tabela 6: Nível de prática como atleta profissional.....	42
Tabela 7: Comparação entre os grupos acerca do seu nível de prática como atleta até o juvenil.....	43
Tabela 8: Comparação entre os grupos acerca do seu nível de prática como atleta profissional.....	44
Tabela 9: Comparação entre os grupos acerca do nível de prática como treinador.....	44
Tabela 10: Acesso à carreira de treinador em função da experiência esportiva.....	48
Tabela 11: Acesso à carreira de treinador em função da escolaridade.....	48
Tabela 12: Acesso à carreira de treinador em função da formação específica.....	48
Tabela 13: Comparação das médias dos grupos em relação ao nível de importância das estratégias de formação contínua do treinador.....	50
Tabela 14: Comparação da média entre os grupos acerca da avaliação da qualidade dos cursos de formação técnica específica (CBV).....	51
Tabela 15: Comparação da média entre os grupos acerca da percepção em relação às necessidades de formação dos treinadores.....	52
Tabela 16: Comparação da média entre os grupos acerca da percepção em relação às necessidades dos fatores no desempenho das atividades de treinador.....	53

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Média geral, por questões, do reconhecimento de importância acerca das competências e dos conhecimentos pertinentes à carreira de treinador.....	45
Gráfico 2: Média geral da avaliação da qualidade dos cursos de formação técnica específica (CBV).....	51
Gráfico 3: Média geral acerca da percepção em relação às necessidades de formação dos treinadores.....	53
Gráfico 4: Média geral acerca da percepção em relação às necessidades dos fatores no desempenho das atividades de treinador.....	54
Gráfico 5: Média do Grupo 1 acerca da percepção em relação às necessidades dos fatores no desempenho das atividades de treinador.....	54
Gráfico 6: Média do Grupo 2 acerca da percepção em relação às necessidades dos fatores no desempenho das atividades de treinador.....	55
Gráfico 7: Média do Grupo 3 acerca da percepção em relação às necessidades dos fatores no desempenho das atividades de treinador.....	55

APÊNDICES

Apêndice I – Tabela: Idade média dos treinadores.....	65
Apêndice II – Tabela: Comparação entre os grupos acerca de sua escolaridade.....	65
Apêndice III – Tabela: Nível de prático com atleta até o juvenil.....	66
Apêndice IV – Tabela: Nível de prática como treinador.....	66
Apêndice V – Tabela: Anos de prática como treinador.....	66
Apêndice VI – Tabela: Categorias em que o treinador trabalha.....	66
Apêndice VII – Tabela: Comparação entre os grupos acerca dos anos de prática como treinador.....	67
Apêndice VIII – Tabela: Média de reconhecimento de importância acerca das competências e dos conhecimentos pertinentes à carreira de treinador.....	67
Apêndice IX – Gráfico: Média do Grupo 1, por questões, do reconhecimento de importância acerca das competências e dos conhecimentos pertinentes à carreira de treinador.....	67
Apêndice X – Gráfico: Média do Grupo 2, por questões, do reconhecimento de importância acerca das competências e dos conhecimentos pertinentes à carreira de treinador.....	68
Apêndice XI – Gráfico: Média do Grupo 3, por questões, do reconhecimento de importância acerca das competências e dos conhecimentos pertinentes à carreira de treinador.....	68
Apêndice XII – Tabela: Comparação entre os grupos em relação ao acesso à carreira de treinador em função da experiência esportiva.....	69
Apêndice XIII – Tabela: Comparação entre os grupos em relação ao acesso à carreira de treinador em função da escolaridade.....	69
Apêndice XIV – Tabela: Comparação entre os grupos em relação ao acesso à carreira de treinador em função da formação específica.....	70
Apêndice XV – Tabela: Entidade responsável pela formação inicial.....	70
Apêndice XVI – Tabela: Comparação entre os grupos em relação à entidade responsável pela formação inicial.....	71
Apêndice XVII – Gráfico: Média geral em relação ao nível de importância das estratégias de formação contínua do treinador.....	71

Apêndice XVIII – Gráfico: Média do Grupo 1 em relação ao nível de importância das estratégias de formação contínua do treinador.....	72
Apêndice XIX – Gráfico: Média do Grupo 2 em relação ao nível de importância das estratégias de formação contínua do treinador.....	72
Apêndice XX – Gráfico: Média do Grupo 3 em relação ao nível de importância das estratégias de formação contínua do treinador.....	73
Apêndice XXI – Gráfico: Média do Grupo 2 acerca da avaliação da qualidade dos cursos de formação técnica específica (CBV)	73
Apêndice XXII – Gráfico: Média do Grupo 3 acerca da avaliação da qualidade dos cursos de formação técnica específica (CBV)	74
Apêndice XXIII – Gráfico: Média do Grupo 1 acerca da percepção em relação às necessidades de formação dos treinadores.....	74
Apêndice XXIV – Gráfico: Média do Grupo 2 acerca da percepção em relação às necessidades de formação dos treinadores.....	75
Apêndice XXV – Gráfico: Média do Grupo 3 acerca da percepção em relação às necessidades de formação dos treinadores.....	75

ANEXOS

Anexo I: Apresentação e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	76
Anexo II: Questionário aos treinadores de voleibol.....	77

1. INTRODUÇÃO

Estamos vivendo um momento de excelência e crescimento no mercado esportivo brasileiro, especialmente no voleibol. E um dos personagens que está adquirindo grande destaque é a figura do treinador.

A figura do treinador e sua importância já é alvo de discussões há algum tempo.

No futebol, por exemplo, antigamente, existia a opinião de que ex-jogadores não seriam capazes de serem bons treinadores, pois a experiência como jogador não seria suficiente para exercer a profissão. Entretanto, notamos que na verdade atualmente existe um número considerável de ex-atletas no meio futebolístico, sem formação acadêmica, exercendo a profissão de treinador de futebol. (FERNANDES ET AL., 2013, p.3)

Porém, esta situação (a predominância de ex-atletas atuando como treinadores) não é uma realidade exclusiva do futebol, e sim do esporte em geral.

A profissão de treinador, inevitavelmente, ainda está vinculada à antiga imagem do indivíduo como atleta, porém, sabemos que, para desempenhar de forma eficaz a função de treinador, não é suficiente ter somente a qualificação e formação específica da modalidade, mas também, conhecimento de aspectos fundamentais para o exercício da profissão como fisiologia, metodologia do treinamento, pedagogia, psicologia, organização e administração, entre outros. (CORTELA, 2013)

Com o reconhecimento desta perspectiva, a profissão começa a ganhar espaço na carreira acadêmica com a regularização através dos Conselhos Regionais de Educação Física e cursos profissionalizantes. Porém, será que nossas escolas de ensino superior e cursos estão aptos a formar treinadores? Quais competências profissionais devem ser exigidas de um treinador? Existe mesmo uma real necessidade de formação para exercer essa profissão? E o que nossos treinadores de voleibol pensam a respeito?

Segundo Gilbert (2002), citado por Gomes et al. (2011, p. 185) “durante o período de 1970 a 2001, apenas 24 de um total de 661 estudos (3,9%) relacionados com os treinadores foram desenvolvidos na área da formação”. Sabemos que o número de estudos direcionados à compreensão do perfil do treinador esportivo aumentaram consideravelmente nos últimos anos, porém, a maioria das pesquisas exploram um cenário internacional. Acreditamos que as questões levantadas anteriormente são de suma importância para a construção e consolidação de uma formação ideal para os treinadores brasileiros.

Sendo assim, este estudo tem como objetivo esclarecer essas e outras dúvidas através da aplicação de um questionário aos treinadores de Voleibol do Rio Grande do Sul. Profissionais estes, responsáveis da parte técnico-tática, nas categorias mirim, infantil, infanto-juvenil, juvenil e adulto, masculino e feminino, no âmbito escolar e nas entidades esportivas. Estes expuseram sua percepção em relação aos domínios dos conhecimentos e competências profissionais e ao reconhecimento das necessidades de formação a este nível. A partir das respostas obtidas, este estudo visa elaborar um perfil dos treinadores de voleibol que atuam no Estado do Rio Grande do Sul, e também, demonstrar as possíveis diferenças encontradas em relação à atuação do treinador acerca do âmbito em que trabalha.

1.1 JUSTIFICATIVA

Atualmente, no Brasil, existem inúmeros estudos sobre a capacidade fisiológica de atletas e os diferentes modelos a serem usados no processo de treino. Também encontramos um elevado número de estudos sobre o comportamento dos treinadores em relação a seus atletas. Porém, ainda é muito escasso o material que aborde as competências profissionais e as necessidades de formação exigidas a um treinador.

Todavia, recentemente alguns estudos começaram a abordar os conhecimentos necessários para exercer a função de treinador esportivo, e não só os referentes aos aspectos técnico-táticos e de metodologia de treino, mas também os psicopedagógicos, da área biológica, do comportamento motor, além de conhecimentos sobre gestão esportiva e os relacionados aos fenômenos sociais do esporte. (RESENDE; MESQUITA; FERNANDES, 2007).

É de extrema importância a análise de todas as áreas atuantes ou interligadas à prática esportiva. Não podemos esquecer que acima de tudo o treinador, em seu trabalho, está exercendo um grande nível de influência na vida de um determinado grupo de pessoas.

De uma forma verdadeiramente notável, em nenhum outro domínio ou contexto, como no desporto, encontramos tantos indivíduos (crianças, jovens e adultos) que voluntariamente se sujeitam e «subjugam» à autoridade de uma pessoa ou duas pessoas: os (as) seus (suas) treinadores(as). (CHELLADURAI, 1984; CRUZ & GOMES, 1996 citados por CRUZ ET AL., 2001, p.171)

O treinador tem que estar ciente que seu trabalho requer não só um conhecimento técnico-tático da modalidade esportiva, mas também, um grande domínio das qualidades pedagógicas, uma postura profissional reflexiva e crítica, e principalmente saber lidar com a responsabilidade de trabalhar e suprir as expectativas de um determinado grupo de atletas, independentemente a faixa etária e os objetivos.

Neste contexto, é de suma importância para o desenvolvimento da profissão, identificar o perfil de competências profissionais consideradas imprescindíveis para o exercício da função.

Dentre a literatura pesquisada, apesar de uma quantidade considerável de estudos relacionados à abordagem técnico-pedagógica dos treinadores com jovens atletas, encontramos poucos estudos que tratam especificamente do papel do treinador desportivo no ambiente escolar. É muito provável que a escassez de material relacionado ao assunto esteja ligada à necessidade de esclarecimento prévio de algumas questões que podem influenciar o cenário esportivo escolar, como: estrutura física, diferença de classe econômica, falta de profissionais, valores e missão da instituição, entre outros.

O estado do Rio Grande do Sul dispõe de um número considerável de competições esportivas escolares. Algumas delas com forte tradição no cenário esportivo gaúcho e também com um bom nível técnico.

A grande questão é se as qualidades e necessidades de um treinador de uma equipe escolar diferem de um treinador que atua em entidades esportivas. Sabemos

que, teoricamente, os treinadores, independente da sua área de atuação, devem dispor de um leque de conhecimentos básicos para exercer a profissão.

Esperamos com este estudo esclarecer também as possíveis diferenças existentes entre os treinadores de voleibol que atuam no esporte escolar, e os que atuam em entidades esportivas, possibilitando assim, pesquisas futuras para o aprofundamento do assunto.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 OBJETIVO GERAL

A profissão de treinador esportivo está em constante crescimento no Brasil, principalmente no voleibol, que apresenta uma grande evolução nas últimas décadas. Junto com o crescimento do esporte, cresceram também as exigências e a necessidade de conhecimento prático e teórico dos treinadores, levando a uma regularização e fiscalização da profissão exercida pelo Conselho Regional de Educação Física.

Dentro deste contexto, este estudo tem como objetivo identificar a percepção dos treinadores de voleibol do Rio Grande do Sul, em relação ao domínio dos conhecimentos e das competências profissionais para o exercício da função e ao reconhecimento das áreas de necessidades de formação e desempenho da atividade profissional.

1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Os objetivos específicos deste estudo são:

- Identificar a percepção dos treinadores de voleibol do Rio Grande do Sul em relação à importância dos conhecimentos e competências profissionais, das estratégias de formação contínua e das áreas de necessidades de formação e desempenho da atividade profissional, a fim de elaborar um perfil do treinador de voleibol do Rio Grande do Sul.

- Comparar os resultados apresentados entre os grupos de treinadores atuantes nas equipes escolares, os treinadores atuantes em entidades esportivas e os treinadores atuantes tanto em equipes escolares quanto em entidades esportivas, a fim de apontar as possíveis diferenças em função do âmbito em que o treinador trabalha.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 “O PAPEL DO TREINADOR”

O treinador hoje é uma das figuras mais importantes no esporte, sendo evidente que o seu trabalho é essencial para a manutenção e estruturação de equipes esportivas e grupos de atletas. Sabe-se da necessidade de um profissional com conhecimento técnico e prático para dirigir, liderar, organizar e instruir uma equipe ou atleta.

Deve-se reconhecer o treinador como figura central na estruturação do processo de treinamento. Pois não havendo um treinador com conhecimento e competência para assumir esse papel central, as proporções das potencialidades do desporto diminuem consideravelmente”. (LIUKKONEM ;LAAKSO; TELAMA, 1996 citado por CUNHA, 2008, p. 14)

Os papéis dos treinadores esportivos são variados, incluindo serem educadores e líderes de suas equipes e atletas, capazes de gerir um grupo ou mais de pessoas, e aptos a conduzir um processo de ensino-aprendizagem planejado, organizado e reflexivo.

Em suma, o treinador exerce uma forte influência sobre as experiências esportivas dos participantes. Suas ações, tomadas de decisões, atitudes, filosofia e metodologia de trabalho, os valores atribuídos e a natureza da sua interação apresentam valores elevados para a percepção positiva ou negativa dos participantes. (SMITH ET AL., 2007) O treinador também possui forte influência na motivação intrínseca dos atletas, visto que sua percepção de competência pode interferir nos níveis de motivação para a prática desportiva. (LIUKKONEM ;LAAKSO; TELAMA, 1996)

Está muito claro que o treinador deve ter consciência de que suas responsabilidades perante o grupo de atletas não estão limitadas exclusivamente a parte técnica e tática de treinamento, mas também ao suporte psicológico e motivacional, que são fatores de extrema importância em uma rotina de treinamento e competição.

O comportamento e a interação com o atleta são influentes no desenvolvimento pessoal e na promoção de autoestima, principalmente em jovens atletas. É importante que os treinadores apliquem uma abordagem positiva, reforçando o encorajamento de comportamentos desejáveis. (PEREIRA; MESQUITA; GRAÇA, 2010)

São tarefas do treinador avaliar e aplicar as melhores formas de passar um feedback a seus atletas, com o intuito de manter a equipe sempre em altos níveis de motivação.

A definição de liderança engloba várias dimensões do comportamento do treinador, como, por exemplo, o seu processo de tomada de decisão, o tipo e a frequência com que ele fornece o feedback aos seus atletas, sua performance, as técnicas de motivação usadas por ele e a forma de relação que estabelece com os atletas. (HORN, 1992 citado por LOPES; SAMULSKI; NOCE, 2004, p. 52)

Salientamos que todas as tarefas já citadas, tanto técnico-táticas quanto psicológicas, devem ser trabalhadas em conjunto.

Sem o conhecimento da matéria, o professor/treinador está sujeito a uma inadequada adaptação aos fatores contextuais do processo de ensino. De fato, em traços gerais, a investigação aponta para a interferência do conhecimento da matéria de ensino na seleção, ordenação, sequencialização e grau de desenvolvimento dos conteúdos". (GROSSMAN, 1990 citado por PEREIRA; MESQUITA; GRAÇA, 2010, p. 151)

Sendo assim, o treinador precisa ter experiência e conhecimento para reconhecer e trabalhar as necessidades e qualidades de sua equipe e/ou atleta.

Atualmente o papel dos treinadores esportivos está muito abrangente, não estando limitado somente ao desenvolvimento do processo de treino desportivo, mas também a gestão de departamentos, entidades ou eventos esportivos, a responsabilidade pela formação de treinadores novatos e o desenvolvimento de investigações na área.

É crescente a relevância da função do gestor no cenário esportivo mundial e é cada vez maior o número de treinadores que também exerce um cargo administrativo. Entretanto, sabemos que o processo de treinamento ainda é a função mais importante dos treinadores, sendo a mais destacada nos estudos científicos.

Evidentemente, como ocorre de costume em diversas áreas, a profissão de treinador está passando por um processo de atualização e cada vez exigindo mais dos seus profissionais. É consenso no mundo acadêmico que, independente de sua formação, o treinador necessita estar em atualização pessoal constante. Para Costa (2005) o treinador tem a obrigação de estar sempre atualizado, participando de programas de formação, sempre com o propósito de promover a formação integral dos atletas e promover a evolução da sua modalidade esportiva.

Atualmente o treinador precisa dominar conhecimentos muito específicos, não só de sua modalidade, mas também conhecimentos que envolvem o treinamento esportivo em geral. Neste propósito, Sweetenham (2002), citado por Costa, J. (2005, p.6) afirma que “com os desenvolvimentos ocorridos no sistema de formação de treinadores, aquilo que se considerava “ciência pesada” é hoje visto como prática cotidiana do treino”.

Para desempenhar a função de treinador, não é suficiente ter sido jogador/atleta dessa modalidade, pois reconhecemos que fazer como se viu fazer, não é certeza de desempenhar com eficiência essa função, que cada vez mais exige conhecimentos diversificados e atualizados de diversas áreas de conhecimento, nomeadamente nas áreas da metodologia e pedagogia do treino. (COSTA, 2005, p.5)

Enfim, de fato o processo de treinamento desportivo exige um vasto campo de conhecimentos, pois envolve uma grande área de atuação, requerendo a apropriação dos conhecimentos simultaneamente ecléticos e específicos para o exercício da função.

2.2 COMPETÊNCIAS DOS TREINADORES ESPORTIVOS

Como vimos no capítulo anterior, é papel do treinador exercer sua profissão e alargar seu leque de conhecimentos, baseado nas diversas áreas que estão, ou podem estar, relacionadas à ciência e treinamento esportivo.

Para os treinadores é importante ter uma base de conhecimentos que sustente suas ações e pensamentos. Essa base de conhecimentos é oferecida pelas diferentes áreas atuantes no esporte como as Biológicas, Pedagógicas, Psicológicas, Sociológicas, Treino Esportivo e Gestão Esportiva.

O embasamento teórico é primordial para um bom desenvolvimento profissional e pessoal do treinador. É fundamental aplicar um cunho contextual à aprendizagem, para que se obtenha eficácia. Dessa forma, o atleta compreende o propósito dos conhecimentos e competências adquiridos e compreende melhor a sua aplicação.

Analisando então os estudos e as diferentes áreas relacionadas à profissão de treinador, conseguimos destacar algumas competências indicadas para a construção e consolidação de uma carreira como treinador esportivo. Dentre elas são citadas competências técnicas, táticas, teóricas, de conhecimento biomotor, psicológicas, de gestão, entre outras.

Através do estudo de Lopes (2011) podemos destacar competências básicas para um treinador esportivo, são elas:

“Atividades de ordem técnica”:

Treino – planejar, preparar, implementar e analisar;

Competição – recolher informações dos adversários, elaborar a tática mais adequada, orientar o jogo e posteriormente analisá-lo;

Planejamento – elaborar os vários documentos do planejamento; aplicá-los e analisá-los;

Atletas – dar formação, preparar física e tecnicamente, sempre em regime de formação contínua;

Equipe – formar, organizar e coordenar todos os aspectos de funcionamento da mesma;

Formação – o treinador deve fazer formação profissional contínua e constante;

Colaboração – com outros técnicos que auxiliam sua atividade;

Registros – de todas as atividades;

Publicações – edição de livros, colaboração em revistas, atualização de websites e redes sociais.

“Atividades de ordem organizativa”:

Organização de atividades no âmbito do clube, coletividade, onde ministra as aulas;

Organização dos materiais a utilizar na implementação das sessões de treino;

Organização dos locais de treino e horários;

Organização dos deslocamentos para provas, estágios, seminários;

Organização das participações em torneios e competições de diversa natureza;

Participação em atividades de carácter associativo;

Deteção e seleção de novos talentos;

Organização de materiais para competições;

Resolução de problemas de ordem financeira;

Criação de programas alternativos para complemento de treino ou treino em fase de baixa forma.

Estes são alguns dos vários aspectos essenciais na formação de um treinador profissional.

O treinador tem de saber o que ensina, isto é, conhecer e dominar suficientemente os aspectos fundamentais da sua modalidade; saber ensinar, ou seja, saber transmitir os conhecimentos da modalidade e ser capaz de motivar e estimular os atletas para que estes os adquiram e os apliquem com entusiasmo, interesse e eficácia; saber aplicar as técnicas e os processos adequados no ensino/aprendizagem e no treino, iniciando os jovens na prática da modalidade e preparando as equipas para os

compromissos competitivos e saber intervir na educação desportiva dos atletas, isto é, desenvolver as suas qualidades de modo a contribuir para a formação do carácter e da personalidade de cada um. (LIMA, 2000 citado por COSTA, 2005, p.19)

Se o treinador exerce uma influência não só sobre o nível de prática da modalidade, sobre o jovem enquanto atleta, mas, também, sobre o jovem enquanto pessoa, o objetivo de qualquer modelo de formação e de qualquer perfil de competências a prescrever deverá orientar-se no sentido de otimizar as referidas influências do treinador sobre os atletas. (COSTA, 2005)

Seguindo com o estudo de Costa (2005), trataremos agora do conjunto de competências avaliadas como capazes de contribuir para otimizar as influências do treinador sobre seus respectivos atletas:

1. Competências Científico-Pedagógicas, divididas em três grandes dimensões: a científica (envolvendo os conhecimentos sobre os fundamentos da Motricidade Humana e das Ciências do Esporte), técnico - metodológica (associadas às questões do “saber” e do “saber fazer”, de ordem operacional) e a dimensão relacional e deontológica (envolvendo, predominantemente, a maneira de se relacionar com os atletas e outros personagens do seu mundo profissional e as competências orientadas para o desenvolvimento de posturas profissionais fundamentadas e críticas, o “saber estar”).

2. Competências Pessoais (agrupadas, também, em duas dimensões: uma dimensão a que chamaremos de Formação Geral, associada a requisitos de cultura geral, e outra de Desenvolvimento Pessoal, envolvendo, predominantemente, competências orientadas para o seu crescimento e desenvolvimento pessoal, para o desenvolvimento do treinador enquanto pessoa).

3. Competências de Gestão e Administração (conhecimentos de gestão das organizações esportivas, de animação desportiva, de concepção, implementação e avaliação de projetos de desenvolvimento esportivo).

4. Competências de Produção e Divulgação de Saberes Profissionais (cumprindo os requisitos colocados pelas funções de Participação na Formação de Treinadores e de Investigação e Criatividade).

Não podemos esquecer que o treinador deverá intervir nas áreas em que lhe for solicitado, de acordo com o tipo de instalações onde funciona a sua modalidade. De qualquer modo, independentemente do local de funcionamento, para poder exercer a sua função com qualidade, é indispensável que o treinador personalize sua ação, dotando-a de uma identidade própria. (LOPES, 2011)

Voltando às competências, os programas de formação de treinadores devem considerar as competências específicas do ambiente de treinamento, de forma a enfatizarem uma aquisição de conhecimentos mais contextualizada e situacional, contribuindo para uma prática mais eficiente.

As funções e as competências a desempenhar variam de contexto para contexto, como por exemplo, em função dos estágios da carreira esportiva dos praticantes. Sendo assim, a formação e qualificação dos treinadores deverá potencializar a diversificação e a especialização baseada numa análise objetiva das necessidades de formação para cada nível de intervenção profissional. (CUNHA ET AL., 2010)

A percepção dos treinadores acerca das necessidades de formação pode variar, também, de acordo com a sua experiência profissional. Na verdade, a experiência profissional é considerada uma importante fonte de conhecimento e competência profissional, podendo ser abordada como um dos pré-requisitos para um treinador alcançar um elevado nível de mestria.

Como citado anteriormente, além de todo o embasamento teórico, é extremamente necessário a vivência prática e experiências, a fim de haver uma aproximação dos desafios reais da atividade profissional do treinador.

Os conhecimentos teóricos adquiridos só se tornam verdadeiramente úteis e significativos quando mostram ser eficazes em contextos dinâmicos sujeitos a circunstâncias únicas, apanágio do treino/competição". (JONES ET AL., 2003 citado por ROSADO; MESQUITA, 2007, p.8)]

Além da experiência profissional, também é necessário avaliar a relevância da possível experiência que o treinador adquiriu como atleta da modalidade em que trabalha, visto que, em grande parte das ocasiões, os treinadores são ex-atletas que optaram por seguir a sua carreira profissional no esporte que já atuavam previamente.

Sabe-se que a experiência como atleta é de grande valia para exercer a função de treinador, porém, hoje em dia, não é mais considerado um fator chave para o sucesso na profissão.

A necessidade de um elevado nível técnico para se ensinar a modalidade tem sua raiz associada aos diferentes papéis desempenhados pelo treinador ao longo da história (...). Por muitas décadas, o nível técnico apresentado pelo treinador foi considerado como sinônimo da capacidade do mesmo de ensinar, delimitando também com quais níveis de atletas ele poderia trabalhar. (CORTELA ET AL., 2013, p.68)

Sendo assim, os treinadores eram avaliados somente por suas competências técnico-táticas, e conseqüentemente, seu sucesso como atleta da modalidade em questão.

Notamos que esta situação, onde ex-atletas desempenham a função de treinador, ainda está muito presente no cenário esportivo brasileiro, em diversas modalidades. No estudo realizado por Cortela et al. (2013), sobre treinadores paranaenses de tênis, foi constatado que mais da metade dos treinadores entrevistados possuíram uma carreira de atleta de sucesso dentro da modalidade antes de se ingressarem na carreira de treinador esportivo.

Para dar continuidade ao assunto, abordaremos o estudo de Fernandes et al. (2013), sobre treinadores ex-atletas de futebol, que traz conclusões pertinentes em relação ao tema que estamos tratando.

Em seu estudo, Fernandes et al. (2013) pode observar carreiras relativamente longas para meio do futebol, podendo concluir que quanto mais tempo se passa em campo, mais enraizado e dependente do meio o atleta se torna. Além disso, este fato também pode contribuir para um maior tempo de maturação da idéia da continuidade do trabalho no futebol, após a aposentadoria do atleta. Esta situação

não é uma especificidade do futebol, mas sim em diversas modalidades, dentre elas o voleibol.

Ainda no estudo de Fernandes et al. (2013), os autores fizeram perguntas relativas à importância de uma experiência prévia como atleta dos treinadores, e receberam respostas como: “Sim, porque é muito difícil para quem não sabe chutar uma bola, querer ensinar ou corrigir alguém” (FERNANDES ET AL., 2013, p.9); ou então, “Já ter vivenciado as situações que os jogadores estão passando, saber a hora certa de chamar a atenção de um atleta, falar pessoalmente com os atletas e conversar com eles na hora de entrar em jogo” e “Entender melhor o atleta por já ter passado por esta etapa. Falo a linguagem deles”. (FERNANDES ET AL.; 2013, p.11)

Apesar de alguns treinadores apontarem a vivência técnica-tática como diferencial, a predominância das respostas foi relacionada à diferença da “experiência vivida em campo” que os treinadores que foram atletas possuem, diferentemente dos que “nunca entraram em campo”.

Em contraponto, grande parte dos treinadores, quando perguntados sobre “o que falta ao treinador ex-atleta?”, responderam julgar necessário aprimorar os conhecimentos teóricos, corroborando com a ideia de que só a experiência prática não é suficiente para a formação de treinadores esportivos competentes.

Sendo assim, a questão a analisarmos é como juntar todos estes aspectos apresentados em um processo de formação ideal para os treinadores esportivos. Sabemos que existem vários tipos de formações, com abordagens e conteúdos muitas vezes diferentes. Podemos usar como exemplo a Rede Europeia dos Institutos de Ciências do Desporto (REICD), que elaborou uma proposta que apresenta uma estrutura europeia para a formação dos treinadores, baseada no direito comunitário e preservando as características nacionais das formações existentes, onde nela encontramos integrada no mesmo sistema, formação universitária e não universitária acessíveis a profissionais altamente qualificados e a colaboradores voluntários. (COSTA, 2005)

No Brasil os responsáveis pela formação de treinadores são os cursos de Educação Física, e também, cursos específicos das entidades representativas de cada modalidade esportiva. Entretanto, julgamos necessário avaliar se há um padrão, ou uma sintonia, entre as diversas instituições brasileiras de ensino que oferecem o curso de Educação Física, juntamente aos cursos oferecidos pelas

confederações esportivas, em relação à formação específica de treinadores esportivos. Usaremos o próximo tópico para abordar este assunto.

2.3 O TREINADOR E SUAS NECESSIDADES DE FORMAÇÃO

Em função do crescimento da profissão de treinador dentro do cenário esportivo, julgamos que a investigação, e uma reflexão, sobre a formação de treinadores devem ser entendidas como peças fundamentais de qualificação da totalidade do sistema desportivo. Segundo Rosado et al. (2007, p.12) “a necessidade de treinadores qualificados tem crescido de forma exponencial na nossa sociedade, contrariando a crença geral de que qualquer um pode ser treinador, desde que o deseje e que o seu passado desportivo o permita”.

Sabemos que, para exercer a profissão, o treinador necessita possuir formação superior em Educação Física, ficando sob responsabilidade das entidades federativas de cada modalidade, e também, do próprio treinador, as atualizações e formações específicas necessárias para atuar dentro da área preterida.

Porém, também é necessário ressaltar que ainda existem treinadores que não necessariamente obtiverem uma formação acadêmica para atuar na área. São treinadores que na maioria dos casos são ex-atletas e usam sua experiência esportiva para desenvolver sua função. Estes casos são cada vez mais raros, principalmente em função da atuação do CONFEF e CREFs das respectivas regiões na legalidade da atuação do profissional na área do desporto.

Não se pode generalizar e dizer que todos que atuam como treinadores, e que tiveram toda uma história dentro das quadras, mas não tiveram uma formação acadêmica, estes não podem exercer a profissão(...), principalmente pelo fato de que estes profissionais (...)são desportistas, ex-atletas e abnegados que não podem e não devem ficar fora do processo do desporto nacional, pois sabemos que nas mais longínquas cidades do nosso Brasil, a dificuldade de se ter um intercâmbio é grande, então, a esperança que resta para essa juventude, são esses abnegados na qual vivem na própria comunidade. (CASTRO, 2006, p.26, p.27)

Como citado anteriormente, estes são casos raros, ou então, de menor expressão. Todavia é necessário que se faça uma avaliação entre os conhecimentos designados a um treinador e principalmente uma diferenciação em relação à capacidade de exercê-los, pelos treinadores que possuem uma formação acadêmica e pelos então conhecidos como “treinadores leigos”.

Como já salientamos, a experiência de um ex-atleta tem grande influência em sua possível carreira como treinador, porém, a formação superior é essencial para a formatação ideal sugerida ao perfil de um treinador.

A formação universitária, pela inquietude, curiosidade e assertividade no tocante à compreensão e resolução de fenômenos e problemas emergentes, constitui um nicho de excelência na produção de saberes. Essa maisvalia assegura aos futuros treinadores a possibilidade de desenvolverem atitudes de pesquisa, de interesse e análise dos problemas correntes da prática, em sede de Treino Desportivo, escudadas em saberes teóricos cientificamente suportados. (MESQUITA, 2010 citado por GOMES ET AL., 2011, p.186)

De outra maneira, a formação superior em Educação Física, além de incentivar a pesquisa e a atualização profissional e pessoal, pode proporcionar aos treinadores um embasamento teórico adequado em relação a todas as áreas envolvidas em um processo de treinamento esportivo, porém, não é comum que os cursos de Educação Física propiciem um aprofundamento de nível avançado dos quesitos técnico-táticos das modalidades esportivas.

Para a especialização existem cursos e programas para a capacitação de treinadores, em diversas modalidades, dentro e fora do Brasil. Alguns destes oferecidos pelos Conselhos Regionais, pela própria Federação regente da modalidade no local, ou até pela Confederação, como por exemplo, no voleibol.

No Brasil podemos notar uma melhora sensível no que diz respeito à capacitação dos nossos treinadores. Os Conselhos Regionais de Educação Física (CREFs) estão seriamente preocupados em mudar o quadro de formação destes, através de cursos que vêm sendo ministrados por professores ligados à área

desportiva. Da fisiologia à metodologia do treinamento desportivo, com uma duração mínima de dois anos (...). (COSTA, 2005, p.29)

A preocupação com a formação ideal para o treinador existe em diversos lugares, como já exemplificamos, nos países europeus, onde há um processo de formação qualificada de treinadores esportivos que estabelece que todas as instituições nacionais competentes no processo de formação, destacando-se entre elas as federações esportivas e as instituições de ensino superior, podem e devem assegurar a formação do treinador. (GOMES ET AL. 2011)

A proposta apresentada, pretendendo elevar o nível de competências dos treinadores através de padrões europeus de referência respeitantes à formação e às qualificações visadas, está de acordo com as directivas europeias que dividem, para as profissões regulamentadas, os títulos de formação em três níveis (III, IV e V), assim como apresentam indicações quanto ao acesso à formação, quanto à duração mínima dos diferentes níveis de formação e quanto à validação das formações. De referir, que a cada país fica a responsabilidade de definir as qualificações e conteúdos de formação para os níveis I e II. Ao seja, os dois primeiros níveis são da responsabilidade de cada país membro e o três superiores da União Europeia, através da definição da Estrutura Europeia de cinco níveis para a Formação de Treinadores. (COSTA, 2005, p.14)

No voleibol brasileiro, a formação para treinador é bastante semelhante à proposta acima. A CBV (Confederação Brasileira de Voleibol) dispõe de cursos formadores e preparatórios para os treinadores e futuros treinadores de voleibol. Lembrando que, para participar de qualquer um dos cursos, o treinador necessita ter registro no Conselho Regional de Educação Física (CREF) respectivo à sua região.

Os cursos para treinadores de voleibol são divididos em 5 níveis, Treinador Nacional Nível I, Treinador Nacional Nível II, Treinador Nacional Nível III, Treinador Nacional Nível IV e Treinador Nacional Ouro; onde, segundo as normas para registro de treinadores e preparadores físicos de quadra – 2014/2016 da CBV:

Treinador Nacional Nível I: estará habilitado a trabalhar na iniciação ao voleibol e na formação de atletas jovens.

Treinador Nacional Nível II: estará habilitado a dirigir equipes até o Sub-20 no masculino e até o Sub-19 no feminino.

Treinador Nacional Nível III: estará habilitado a dirigir equipe de qualquer nível em competições oficiais da CBV.

Treinador Nacional Nível IV: estará habilitado a dirigir equipe em competição estadual, nacional ou internacional. Bem como a planejar, executar e avaliar programas para o Voleibol Nacional.

Treinador Nacional Ouro: Treinador (e seu assistente) que obtiver na direção de Seleção Brasileira Título Olímpico ou Mundial (Campeão Olímpico, Campeão Mundial, Campeão da World League ou Campeão do Grand Prix). Obs.: O título de Treinador Ouro não altera o seu Nível em curso na CBV.

Aproveitamos para realçar algumas especificidades em relação à condição de participação no Curso de Nível II e Nível III. Também podem participar treinadores com os seguintes pré-requisitos:

Para o Nível II:

- a) Ser Bacharel ou ter Licenciatura Plena em Educação Física; ou
- b) Ser Provisionado com especificidade em voleibol com 2º. grau completo.

Para o Nível III:

- a) Ser pós-graduado lato sensu em voleibol.

Neste caso, como podemos ver, a formação acadêmica em Educação Física Plena ou Bacharel, e o Provisionado com especificidade em voleibol, possibilitam o treinador de atuar dentro das condições de um Treinador Nível I, e realizar o Curso Nível II. Já o treinador pós-graduado em voleibol pode atuar dentro das condições de um Treinador Nível II, e realizar o Curso Nível III.

Através destes dois exemplos podemos concluir que a formação e o aperfeiçoamento de um treinador de voleibol passam por um embasamento teórico, tático e prático consistente.

A aquisição de e a aplicação do conhecimento teórico atual é importante para acelerar o processo de desenvolvimento das habilidades e capacidades dos atletas e, além disso, para a motivação do treinamento. Ao desenvolvimento das habilidades e capacidades biomotoras, o técnico deve introduzir progressivamente nos atletas iniciantes e mais jovens a teoria do treinamento. Eles precisam sentir tudo o que o treinador sabe a respeito do desporto escolhido(...). (BOMPA, 2002 citado por CASTRO, 2006, p.32)

Como podemos ver, a estruturação do currículo de formação dos treinadores de voleibol brasileiros segue uma logística onde os conteúdos são apresentados de forma gradual, ou seja, desde o trabalho com iniciantes até o treinamento de equipes de alto nível. Este planejamento está de acordo com a sugestão de uma “formação ideal” para treinadores esportivos, onde a formação e preparação dos treinadores são contínuas, respeitando o sucessivo e lógico encadeamento e alargamento dos conhecimentos, possibilitando que cada novo conhecimento adquirido ou cada novo domínio abordado se encaixem perfeitamente. (CASTRO, 2006)

Porém como sabemos, em muitos casos a prática não está de acordo com o modelo teórico, ou então, a qualidade do serviço oferecido não está de acordo com as necessidades de quem o está procurando. Por isso é muito importante avaliar, principalmente através de um feedback dos próprios treinadores, a qualidade dos cursos específicos oferecidos, e também, dos currículos dos cursos de ensino superior de Educação Física; lembrando que, estes são pré requisitos para o ingresso nos cursos de treinadores oferecidos pela CBV.

Ao analisarmos estudos europeus sobre a formação dos treinadores esportivos, notamos um consenso em relação à necessidade de uma reflexão sobre a estrutura e qualidade dos cursos de treinadores esportivos.

Os diversos modelos têm evidenciado uma verdadeira incapacidade de melhorar significativamente quer a formação

científica quer as competências profissionais dos treinadores. No que se refere aos âmbitos e estruturas de formação a diversidade é, também, significativa, quer no que respeita às linhas orientadoras, à estrutura institucional e logística, aos pré-requisitos de acesso, à natureza e extensão dos currículos, aos modelos e estratégias de formação e avaliação. (ROSADO ET AL., 2007, p.1)

O grande problema em relação à investigação na formação de treinadores é solucionar a lacuna de conhecimento existente entre as pesquisas e o mundo da prática, o que se deve provavelmente em fundação da ausência de modelos teóricos robustos sobre a formação de treinadores. (ISIDRO, 2009) Mais uma vez retornamos à problemática da diferença de escalas de importância entre a teoria e a prática na formação e experiência de um treinador esportivo.

Os treinadores mais experientes, embora considerem que os programas de formação são fundamentais para a partilha de informação e oportunidades de trabalho com outros treinadores em formação, referem que o conteúdo teórico aí leccionado é em demasia, quando comparado com suas aplicações práticas em contexto de treino. (SALMELA, 1996 citado por ISIDRO, 2009, p.6)

Para contextualizar, traremos alguns problemas que foram identificados por Savard citado por Demers et al.(2006) no processo de formação dos treinadores. Os principais problemas encontrados foram: (a) os cursos, independentemente dos níveis, apresentam poucas oportunidades para a participação dos treinadores, assim como também não priorizam a recepção de feedbacks da intervenção prática dos treinadores; (b) os objetivos dos cursos são escolhidos sem ter em conta as expectativas e as necessidades dos treinadores; (c) o conteúdo original dos cursos não reflete aquilo que os treinadores necessitam no seu trabalho diário; (d) a estrutura do curso precisa ser mais flexível para contemplar todas as necessidades e expectativas dos treinadores; (e) os cursos devem promover as oportunidades práticas de desenvolvimento profissional durante as formações, ajustando as mesmas oportunidades a cada nível. (f) os programas de formação precisam ser articulados de uma forma mais objetiva. (ISIDRO, 2009, p.21)

Como podemos ver, já existem estudos avaliando e buscando melhorias na estruturação e elaboração dos programas de formação de treinadores, procurando assim melhores estratégias na aquisição de competências dos mesmos e as que devem ter maior consideração no processo de formação contínua.

O modelo de formação de treinadores de voleibol no Brasil, como já falamos, é semelhante ao modelo de formação europeu, iniciando na formação superior e continuando gradativamente em cursos específicos que propiciam conhecimentos e competências, teoricamente, de acordo com o nível de expertise em que o treinador se encontra. Sendo assim, julgamos que os estudos, as considerações e eventuais problemáticas relacionadas ao modelo de formação europeu são pertinentes e devem ser avaliadas e trazidas para dentro da realidade da formação de treinadores de voleibol no Brasil.

É de extrema importância identificar o que os próprios treinadores julgam ser importante para exercer sua profissão, juntamente com suas opiniões acerca das necessidades de formação e qualidade dos cursos em que participam.

Uma formação sem direção e sem conhecimento das suas necessidades reais não se ajusta às mudanças, que exigem cada vez mais uma ação criadora na sua preparação, de acordo com a perspectiva do desenvolvimento da profissionalidade(...). (RAMALHO E NUÑEZ, 2001 citado por OLIVEIRA ET AL., 2015, p.1)

Relembramos que grande parte dos treinadores esportivos brasileiros possuem formação superior em Educação Física, um pré-requisito para exercer a função. Desta forma, estudos que abordem a formação inicial dos treinadores também são de grande valia para uma percepção sobre as necessidades de formação dos treinadores brasileiros.

Em um estudo realizado por Oliveira e Paulo (2010), com o objetivo de verificar se a formação dos treinadores de futebol interferiu nos indicativos de rendimento no campeonato brasileiro de 2008, foi possível averiguar que os treinadores que não possuem formação específica (grupo C) tiveram piores resultados que os treinadores que tem formação técnica em futebol (Grupo B); e que o grupo com curso superior em Educação Física (Grupo A) não se diferenciou dos grupos B e C nos indicativos de rendimento.

Outro ponto que vale realçar é que apenas 25% dos treinadores que disputaram o campeonato brasileiro de 2008 pertenciam ao grupo de treinadores com curso superior em Educação Física, e que esse percentual era de 45% no campeonato brasileiro de 2005, portanto houve uma redução no número de treinadores com formação superior em Educação Física ou Esporte.

Ao abordar as competências necessárias para exercer a função de treinador (mesmas apontadas nesta revisão) Oliveira e Paulo (2010) apontam que os conhecimentos e competências específicos para exercer a função de treinador de futebol são, exclusivamente, abordados nos cursos de formação técnica, enquanto nos três ou quatro anos do curso de Educação Física são abordados diversos outros conteúdos de competência do profissional de Educação Física que, necessariamente, não tem transferência funcional para atuação no futebol profissional.

Como podemos ver, a manifestação acima discorre das apresentadas até agora, o que pode indicar uma falta de compatibilidade entre os cursos de Educação Física do Brasil, ou então, uma falta de planejamento organizacional entre as entidades de ensino superior e as entidades responsáveis pelos cursos específicos na estruturação da formação contínua para os treinadores, um dos problemas apontados no sistema europeu.

A formação técnica consiste na especificidade da modalidade, esta direciona o profissional para a atuação técnica tática da equipe. Ela não seria eficiente na questão da preparação fisiológica da equipe, tornando o treinador dependente de outros profissionais para a montagem e execução do planejamento de treinos da equipe. No entanto, existem diferentes matrizes curriculares nos cursos superiores de educação física que focam a área escolar ou o trabalho em academia isso também não seria eficiente para atuação do treinador de futebol. (MATURELLI, 2002 citado por OLIVEIRA; PAULO, 2010, p. 6)

Apesar das questões levantadas pelo autor, foi possível concluir que uma formação teórica para a atuação como treinador de futebol é essencial para o êxito das equipes em uma competição de alto nível, sejam elas em Educação Física ou Formação Técnica.

Abordaremos agora o estudo de Oliveira et al. (2015), pois é um dos poucos estudos que aponta as necessidades de formação dos treinadores brasileiros de voleibol. Neste estudo podemos encontrar o levantamento de alguns dados interessantes, como por exemplo, que mais de 85% dos treinadores entrevistados acreditam que apenas a formação inicial não é um pré-requisito para uma boa atuação como treinador de voleibol.

Os treinadores de Voleibol percebem necessidades de formação para sua atuação, mas nem a graduação em Educação Física, nem os cursos de nivelamento da CBV (Confederação Brasileira de Voleibol) são capazes, por si só, de suprir essas necessidades, o que vem realçar o papel e a necessidade de um sistema de formação continuada ao longo da vida profissional. (OLIVEIRA ET AL., 2015, p.9)

Fica evidente que os treinadores sabem que após sua formação inicial é necessário manter uma constante atualização de seus conhecimentos e competências, sendo ela através de pesquisa, relações profissionais ou cursos complementares, podendo ser em diversas áreas relacionadas ao esporte. No estudo de Oliveira et al. (2015) pudemos perceber que a maioria dos treinadores buscou uma formação fora da especificidade do Voleibol tais como, psicologia do esporte, nutrição, treinamento desportivo e fisiologia do esporte, a fim de complementar e ampliar sua intervenção, principalmente na iniciação e com jovens.

A fim de suprir suas necessidades, os treinadores buscam ações complementares de formação, como seminários, palestras, oficinas, pós-graduações, entre outros; dando preferência às de curto prazo de duração, de menor custo e de maior acessibilidade. As ações relacionadas com a troca de experiência com outros profissionais foram mais valorizadas do que aquelas voltadas a conteúdos apenas teóricos.

Perrenoud (1995) define formação como uma intervenção visando uma modificação nos domínios dos saberes, dos saberes-fazer e dos saberes-ser do sujeito em formação(...).A formação do treinador deve orientar-se, não só para o treinador como objecto mas para o treinador enquanto sujeito(...). Trata-se de defender a

organização de processos de desenvolvimento pessoal que respeitem a individualidade do treinador, que o estimulem a descobrir-se e a descobrir a sua maneira pessoal de se tornar treinador, o seu estilo, os seus sentimentos, os seus valores e crenças, num ambiente de reflexão sobre si que personalize a formação. (ROSADO; MESQUITA, 2007, p.3)

O treinador, para exercer adequadamente sua função, terá de ser uma pessoa culta, desenvolver processos de auto-formação e de inovação, competências de exercício da profissão que exigem uma formação de base, acadêmica ou escolar, cada vez mais elevada.

A formação de um treinador deve abordar uma formação prática, sem desvalorizar os aspectos teóricos e os espaços de reflexão, e também, uma formação teórica, sem privar a experimentação e o desenvolvimento dos conhecimentos práticos profissionais. Sendo assim, para contribuir para uma formação ideal para um treinador esportivo é necessário: *Valorizar a competência acadêmica*, a formação envolve o desenvolvimento de pessoas não só na área dos conhecimentos, mas, também, das realizações e das atitudes; *Combater a visão tecnocrática estrita*, estimulando a formação em matéria relacional e deontológica, o desenvolvimento de posturas profissionais reflexivas e críticas, a aquisição de uma conscientização de si enquanto pessoa e enquanto profissional, a possibilidade de desenvolver competências de investigação e criatividade; *Adotar posturas sócio-críticas e fundar a profissionalidade numa prática reflexiva*; *Apostar na aprendizagem experiencial*, que deverá ser aproveitada pelos formadores, enquanto meio prioritário de aprendizagem, desde que se baseie na compreensão das decisões tomadas e nos erros cometidos; *Diversificar as estratégias de formação e Alargar o âmbito profissional para permitir a profissionalização efetiva*. (ROSADO; MESQUITA, 2007)

Lembramos que toda a oferta de conhecimentos tem como principal objetivo capacitar de forma ampla os treinadores, incentivando sua evolução, e principalmente formando treinadores com ótima capacitação, incentivando a concorrência sadia e o elevado nível de competência.

3. METODOLOGIA

3.1 MÉTODO

Este estudo caracteriza-se como descritivo exploratório, referente ao perfil e a percepção no domínio dos conhecimentos e competências profissionais e no reconhecimento das necessidades de formação dos treinadores de voleibol do Rio Grande do Sul.

3.2 AMOSTRA

Amostra por conveniência, contando com 27 treinadores de voleibol, todos atuantes no Estado do Rio Grande do Sul.

Para a delimitação do n da pesquisa, e também, pelas características e objetivos do estudo, foram convidados a participar da pesquisa somente os treinadores que participaram da modalidade de voleibol nas seguintes competições:

- Jogos Estudantis 2014, masculino e feminino;
- CERGS (Campeonato Estudantil do Rio Grande do Sul), masculino e feminino;
- Campeonatos Estaduais 2014 (Federação Gaúcha de Vôlei), nas categorias mirim, infantil, infanto-juvenil, juvenil e adulto, masculino e feminino.

Novamente, as competições serviram de limitadores do n da pesquisa, sendo assim, deixamos a critério do entrevistado apontar qual o âmbito em que trabalha, podendo ser escolar, entidade esportiva ou em ambos.

Desta forma, para a análise dos dados, dividimos os treinadores em 3 (três) grupos, são eles:

Grupo 1: Treinadores de voleibol de equipes escolares.

Grupo 2: Treinadores de voleibol de entidades esportivas.

Grupo 3: Treinadores de voleibol de equipes escolares e de entidades esportivas.

3.3 INSTRUMENTO DE PESQUISA

O instrumento utilizado neste estudo é fruto de adaptações realizadas no questionário que foi desenvolvido na investigação de Costa (2005), com treinadores de futebol de Portugal.

Neste instrumento consta:

- Identificação e características do treinador;
- Âmbito em que o treinador trabalha;
- Escolaridade e formação técnica;
- Nível e anos de prática como atleta;
- Nível e anos de prática como treinador;
- Categorias com que o treinador trabalha;
- Percepção de importância dos conhecimentos e competências necessários para a carreira de treinador;
- Percepção em relação às condições de acesso a formação para ser treinador;
- Percepção em relação à entidade responsável pela formação inicial do treinador;
- Percepção em relação às estratégias de formação contínua do treinador;
- Avaliação dos cursos de formação técnica específica;
- Percepção em relação às necessidades de formação;
- Percepção em relação ao desempenho da atividade de treinador.

3.4 PROCEDIMENTOS

A pesquisa foi realizada por contato eletrônico, através de um “mailing” de contatos, com os treinadores pré-selecionados para o estudo.

O primeiro contato foi realizado com o intuito de apresentar o estudo e seus objetivos, onde, em anexo foi enviado um convite formal solicitando a participação do treinador junto à pesquisa de **“Análise da percepção dos treinadores de voleibol no domínio dos conhecimentos e competências profissionais e no reconhecimento das necessidades de formação”**.

Aos treinadores que aceitaram participar do estudo, foi encaminhado o instrumento de pesquisa citado anteriormente, juntamente com os termos de aceitação e de cessão de dados. Todos os participantes foram informados com a data limite de retorno do instrumento. Os treinadores que não retornaram no prazo, foram automaticamente excluídos do estudo.

Ao final do prazo estipulado, aquém do esperado, obtivemos o retorno de 27 questionários respondidos, estabelecendo assim o n final do nosso estudo.

Para análise dos dados, optamos por trabalhar com a numeração das questões e suas sub-questões de forma contínua, visando assim facilitar a tabulação dos dados.

Sendo assim, as áreas e dimensões estudadas, suas respectivas questões e numerações, e a forma de análise dos dados, ficaram predispostas da seguinte maneira:

- Perfil e características dos treinadores - Questões 1 a 10, análise descritiva;
- Dimensão 1 - Competências e conhecimentos: questões 11 a 56, média e somatório;
- Dimensão 2 - Acesso à carreira de treinador: questões 57 a 60, análise de frequência e ocorrência;
- Dimensão 3 – Estratégias de formação contínua: questões 61 a 67, média e somatório;
- Dimensão 4 – Cursos de formação de treinadores: questões 68 a 79, análise de frequência e ocorrência, e média e somatório;
- Dimensão 5 – Necessidades de formação: questões 80 a 96, média e somatório;
- Dimensão 6 – Desempenho da atividade: questões 97 a 105, média e somatório.

As questões 68 (sessenta e oito) e 69 (sessenta e nove) foram analisadas e tabuladas, porém, optamos por retirar da análise e discussão dos dados por apresentar redundância, no tema e nos resultados, em relação à questão 5 (cinco).

Com os resultados, indicaremos um perfil dos treinadores de voleibol do Rio Grande dos Sul, além de, comparar e apontar as diferenças encontradas em relação aos grupos analisados.

3.5 TRATAMENTO ESTATÍSTICO DOS DADOS

Para apresentar o perfil e as características da amostra, utilizamos estatística descritiva, apresentando valores absolutos e percentagens relativas. Também foram apresentados valores de média e desvios padrão.

Nas análises inferenciais, recorreremos aos testes de qui-quadrado e ANOVA do tipo One-Way com tratamento post-hoc de Sceffé.

Todas as análises foram realizadas no software SPSSV.20, adotando o alfa de 0,05.

3.6 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

Todos os treinadores receberam junto ao questionário um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) com os objetivos do estudo, riscos e benefícios, assim como os contatos dos pesquisadores.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

No presente estudo, foram entrevistados 27 (vinte e sete) treinadores de voleibol do Rio Grande do Sul, onde, 8 (oito) destes se encontram no Grupo 1 (treinador de equipes escolares), 9 (nove) no Grupo 2 (treinadores de entidades esportivas) e 10 (dez) no Grupo 3 (treinadores escolares e de entidades esportivas) . (Tabela 1, p.39)

Com base nos resultados, conseguimos apontar uma predominância de treinadores do sexo masculino (Tabela 2, p.39), com uma média de idade de 39 anos (Apêndice I, p.65).

Tabela 1: Âmbito em que trabalha

Âmbito	N	%
Escola	8	29,6
Entidade Esportiva	9	33,3
Ambos	10	37,0
Total	27	100,0

Tabela 2: Sexo/Gênero

Sexo	N	%
Masculino	24	88,9
Feminino	3	11,1
Total	27	100,0

Em relação à escolaridade, houve uma grande predominância de treinadores com somente ensino superior completo, 66,7% dos treinadores entrevistado. Do restante, podemos apontar apenas 3 (três) dos 27 (vinte e sete) com nível superior incompleto, 2 (dois) que indicaram ter ensino superior completo e especialização, 2 (dois) com superior completo e pós graduação, e 2 (dois) com superior completo e mestrado. (Tabela 3, p.39)

Tabela 3: Nível de escolaridade dos treinadores.

Escolaridade	N	%
Superior Incompleto	3	11,1
Superior Completo	18	66,7
Superior Completo e Especialização	2	7,4
Superior Completo e Pós Graduação	2	7,4
Superior Completo e Mestrado	2	7,4
Total	27	100,0

Quando comparamos o Grupo 1, Grupo 2 e Grupo 3, em relação ao nível de escolaridade dos treinadores, como no resultado acima, há um predominância de treinadores com ensino superior completo, em ambos os grupos. Porém, também podemos constatar que, apesar do baixo nível de incidência de indivíduos com ensino superior incompleto, 100% deles se encontram no Grupo 2 (Apêndice II, p.65).

Também podemos identificar que dos 27 (vinte e sete), 30,8% dos treinadores dizem não ter formação técnica específica (curso de nível CBV). Dentre os que possuem nivelamento CBV, foi apontado uma prevalência de treinadores de Nível III, representando 38,5% dos entrevistados. (Tabela 4, p.40)

Tabela 4: Nível de formação técnica dos treinadores.

Formação Técnica	N	%	% Válido
Nível I	2	7,4	7,7
Nível II	4	14,8	15,4
Nível III	10	37,0	38,5
Nível IV	2	7,4	7,7
Não Possui	8	29,6	30,8
Total	26	96,3	100,0
Não Respondido	1	3,7	
Total	27	100,0	

Ainda em relação ao nível de formação dos treinadores, conseguimos identificar diferença entre os grupos 1, 2 e 3, sendo que, no Grupo 1, identificamos que 62,5% dos treinadores apontaram não possuir formação técnica específica (curso de nível CBV); enquanto que, tanto no Grupo 2 quanto no Grupo 3, 50% dos treinadores indicaram possuir formação no curso técnico de Nível III (Tabela 5, p.41). Com base neste resultado, podemos indicar que a predominância de treinadores Nível III dentro dos grupos 2 e 3 pode estar relacionado à possibilidade legal de estar habilitado a dirigir equipe de qualquer nível em competições oficiais da CBV.

Tabela 5: Comparação entre os grupos acerca de seu nível de formação técnica específica.

Formação Técnica		Classificação - Treinador		
		Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
Nível I	N	1	0	1
	% Linha, % Coluna	50,0% 12,5%	0,0% 0,0%	50,0% 10,0%
Nível II	N	0	3	1
	% Linha, % Coluna	0,0% 0,0%	75,0% 37,5%	25,0% 10,0%
Nível III	N	1	4	5
	% Linha, % Coluna	10,0% 12,5%	40,0% 50,0%	50,0% 50,0%
Nível IV	N	1	0	1
	% Linha, % Coluna	50,0% 12,5%	0,0% 0,0%	50,0% 10,0%
Não Possui	N	5	1	2
	% Linha, % Coluna	62,5% 62,5%	12,5% 12,5%	25,0% 20,0%
Total	N	8	8	10
	% Linha, % Coluna	30,8% 100,0%	30,8% 100,0%	38,5% 100,0%

Quando perguntados em relação ao “nível de prática como atletas até o juvenil”, não houve predominância em nenhuma das respostas apresentadas, porém, nenhum dos entrevistados relatou não ter nenhuma experiência como atleta até o juvenil (Apêndice III, p.66) Porém, podemos identificar que 66,7% dos treinadores relataram não possuir experiência como atleta profissional (Tabela 6, p.42).

Quando comparamos a incidência de resposta dos grupos, podemos indicar uma diferença entre os grupos no nível de prática como atleta até o juvenil, onde 62,5% treinadores do Grupo 2 apontaram ter atuado a nível nacional e 66,7% dos treinadores do Grupo 3 apontaram ter atuado a nível regional. Também podemos apontar que 66,7% dos treinadores que responderam ter prática a nível regional, são do Grupo 3 (Tabela 7, p.43).

Tabela 6: Nível de prática como atleta profissional.

Nível de prática como atleta Profissional	N	%
Não Possui	18	66,7
Regional	2	7,4
Nacional	4	14,8
Internacional	3	11,1
Total	27	100,0

Na comparação entre os grupos acerca do nível de experiência como atleta profissional, houve diferenças dentro do Grupo 1 e do Grupo 3, de 75% e 90%, respectivamente, no apontamento de nenhuma prática como atleta profissional. Também podemos constatar que 66,6% dos treinadores do Grupo 2 atuaram como atleta profissional a algum nível (Tabela 8, p.44). Apesar do número limitado de indivíduos que representam estes percentuais, o fato de dispormos de mais treinadores do Grupo 2 que atuaram como atleta profissional, pode sugerir que o nível de prática e experiência como atleta pode estar ligado ao âmbito em que o treinador atua.

Seguindo, quando abordados sobre o nível e anos de prática como treinador, 70% dos entrevistados apontaram exercer a função a nível nacional (Apêndice IV, p.66). Através de análise estatística, a média de anos de prática como treinador dos entrevistados foi de 13,5 anos, com um desvio padrão de 8,6 anos (Apêndice V, p.66). Como podemos observar, há uma grande variação nas repostas dos entrevistados, em relação aos anos de práticas como treinador.

A comparação entre os grupos reforça o resultado anterior, onde, 88,9% dos treinadores do Grupo 2, e 90% do Grupo 3 indicaram exercer a função a nível nacional. Porém, diferentemente, no Grupo 1, os resultados apontaram que 50% dos indivíduos exercem a função a nível regional. Este dado ganha mais significância quando, comparados os três grupos, 80% da totalidade dos treinadores que apontaram exercer a função a nível regional, são indivíduos do Grupo 1 (Tabela 9, p.44). Em contraponto, dos 3 (três) treinadores que apontaram exercer a função a nível internacional, 2 (dois) são do Grupo 1 e 1 (um) do Grupo 2. Ou seja, ambos atuam em equipes escolares. Em suma, apesar deste fato, acreditamos que a diferença de dimensão do cenário esportivo escolar, em relação ao cenário esportivo

onde as entidades esportivas estão inseridas, pode ter influência no resultado apresentado anteriormente.

Tabela 7: Comparação entre os grupos acerca do seu nível de prática como atleta até o juvenil.

Nível de prática como atleta até o Juvenil		Classificação - Treinador		
		Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
Regional	N	2	1	6
	% Linha,	22,2%	11,1%	66,7%
	% Coluna	28,6%	12,5%	66,7%
Nacional	N	3	5	3
	% Linha,	27,3%	45,5%	27,3%
	% Coluna	42,9%	62,5%	33,3%
Internacional	N	2	2	0
	% Linha,	50,0%	50,0%	0,0%
	% Coluna	28,6%	25,0%	0,0%
Total	N	7	8	9
	% Linha,	29,2%	33,3%	37,5%
	% Coluna	100,0%	100,0%	100,0%

No resultado de Comparação entre os grupos acerca dos anos de prática como treinador, constatamos uma diferença do Grupo 3 em relação ao Grupo 1 e Grupo 2 (Apêndice VII, p.67).

Na questão relacionada às categorias em que os treinadores trabalham, obtivemos respostas variadas. Isto ocorreu, pois, esta foi a única questão com opção de múltipla escolha. Como as possibilidades de resposta eram inúmeras, optamos por apontar a categoria mais alta que o treinador trabalha, ou no caso, a categoria em que os atletas são mais velhos, como a resposta da questão. Ou seja, os treinadores trabalham com a categoria apontada, e possivelmente, com as categorias abaixo da que foi apontada também.

Os resultados não apresentaram uma categoria predominante, o que indica que trabalhamos com um grupo heterogêneo em relação a esta questão (Apêndice VI, p.66).

Tabela 8: Comparação entre os grupos acerca do seu nível de prática como atleta profissional.

Nível de prática como atleta Profissional		Classificação - Treinador		
		Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
Nenhuma	N	6	3	9
	% Linha, % Coluna	33,3% 75,0%	16,7% 33,3%	50,0% 90,0%
Regional	N	1	1	0
	% Linha, % Coluna	50,0% 12,5%	50,0% 11,1%	0,0% 0,0%
Nacional	N	0	3	1
	% Linha, % Coluna	0,0% 0,0%	75,0% 33,3%	25,0% 10,0%
Internacional	N	1	2	0
	% Linha, % Coluna	33,3% 12,5%	66,7% 22,2%	0,0% 0,0%
Total	N	8	9	10
	% Linha, % Coluna	29,6% 100,0%	33,3% 100,0%	37,0% 100,0%

Tabela 9: Comparação entre os grupos acerca do nível de prática como treinador.

Nível de prática como Treinador		Classificação - Treinador		
		Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
Regional	N	4	1	0
	% Linha, % Coluna	80,0% 50,0%	20,0% 11,1%	0,0% 0,0%
Nacional	N	2	8	9
	% Linha, % Coluna	10,5% 25,0%	42,1% 88,9%	47,4% 90,0%
Internacional	N	2	0	1
	% Linha, % Coluna	66,7% 25,0%	0,0% 0,0%	33,3% 10,0%
Total	N	8	9	10
	% Linha, % Coluna	29,6% 100,0%	33,3% 100,0%	37,0% 100,0%

Competências e Conhecimentos.

Nesta área, solicitamos que os treinadores classificassem o grau de importância, em uma escala de 1 (um) a 5 (cinco), sendo 1 (um) considerado “sem

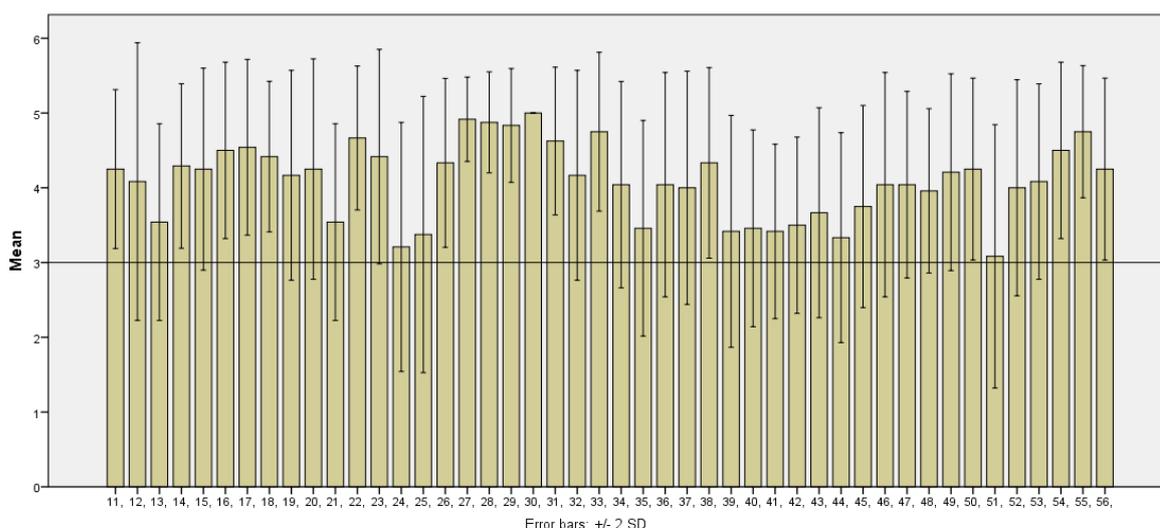
importância” e 5 (cinco) de “muito grande importância”, de uma série de competências e conhecimentos pertinentes à carreira de treinador.

Os resultados apresentaram que a média da classificação de importância das competências e conhecimentos foi de 4,12 (Apêndice VIII, p.67), ou seja, são consideradas entre de “grande importância” e de “muito grande importância”.

Analisando os resultados, podemos identificar que as questões “27 - *Conhecimentos técnico – táticos da modalidade*”, “28 - *Capacidade de organizar e planejar a prática da atividade esportiva*”, “29 - *Conhecimentos de planejamento de treino*”, “30 - *Capacidade de identificar os erros e fornecer informação de correção*”, “33 - *Competência para planejar, executar e avaliar programas de treinamento*” e 55 - *Demonstrar motivação para a atividade e para a progressão na carreira*”, obtiveram as maiores médias gerais, ou seja, as consideradas de maior importância pelos treinadores entrevistados. (Gráfico 1, p.45)

No sentido oposto, as que apresentaram menores médias gerais foram: “24 - *Conhecimentos sobre a violência no esporte*”, “25 - *Conhecimentos sobre o “doping”*”, “44 - *Capacidade de formular necessidades de pesquisa*” e “51 - *Conhecimentos sobre gestão de carreiras esportivas dos jogadores*”. (Gráfico 1, p. 43)

Gráfico 1: Média geral, por questões, do reconhecimento de importância acerca das competências e dos conhecimentos pertinentes à carreira de treinador.



Sendo assim, conseguimos identificar que as competências e conhecimentos técnico-táticos, de identificação e correção de erros, e de metodologia do

treinamento, continuam sendo considerados como os principais requisitos de um treinador.

Se avaliarmos o cenário esportivo, as competências que foram indicadas como de menor importância podem e/ou estão relacionados a outras profissões, como por exemplo, médicos, empresários, psicólogos, fisiologistas, entre outros. Sendo assim, apesar do crescente envolvimento esperado dos treinadores atuais, acerca das diversas áreas ligadas ao esporte, podemos observar que estas áreas ou competências “secundárias” ainda não atingiram o mesmo nível de importância apontado nas competências “tradicionais”.

Porém, é de grande importância realçar que, apesar destas competências terem sido apontadas como de menos importância, todas elas tiveram uma média acima de 3 (três), o que indica estarem elencadas entre competências de “razoável importância” e competências de “grande importância”.

Quando analisamos somente as respostas do Grupo 1, percebemos que os resultados seguem o padrão da média geral, porém, o item *“Demonstrar motivação para a atividade e para a progressão na carreira”* não está dentro das competências de maior nível de importância, e o item *“Capacidade de formular necessidades de pesquisa”* não está elencado entre as competências de menor nível de importância (Apêndice IX, p.67). Acreditamos que este resultado possa ter relação, respectivamente, com a exigência das competições e o nível dos atletas no âmbito escolar, e também, pelo fato de o ambiente escolar propiciar e incentivar pesquisas científicas.

Vale salientar que no Grupo 1, as competências *“Conhecimentos técnico – táticos da modalidade”*, *“Capacidade de organizar e planejar a prática da atividade esportiva”* e *“Capacidade de identificar os erros e fornecer informação de correção”*, obtiveram média máxima, ou seja, 100% dos treinadores do Grupo 1 apontaram estas competências como de “muito grande importância”. Além disto, constatamos que a competência *“Conhecimentos sobre gestão de carreiras esportivas dos jogadores”* era a única que se encontrava entre as de “pequena importância” e “importância razoável”.

No Grupo 2, dentro das competências de maior importância, além das que já foram apontadas anteriormente, aparecem: “12 - Competências para cooperar na formação de outros treinadores”, “22 - Capacidade de transmitir o conteúdo

informativo de uma forma eficaz” e “31 - Capacidade de operacionalizar a transmissão dos conteúdos”. (Apêndice X, p.68)

Ainda, os treinadores do Grupo 2 não apontam a competência “*Conhecimentos sobre o “doping”*” entre as competências de menor importância, porém, outras competências como “13 - *Conhecimentos sobre nutrição esportiva*” e “41 - *Dominar a legislação que regulamenta o sistema desportivo*” se encontram entre as que obtiveram médias de menor importância. Mais uma vez, apesar de possuírem as menores médias, todas elas foram consideradas entre competências de “importância razoável” e de “grande importância”. (Apêndice X, p.68)

A média dos treinadores do Grupo 3 apontou as mesmas competências de maior importância indicadas na média geral. Porém, as competências “35 - *Conhecimentos que permitam compreender e interpretar o comportamento do público*” e “39 - *Conhecimentos das políticas do esporte*”, também estiveram na média das competências de menor importância, apesar de ambas estarem entre competências de “importância razoável” e de “grande importância”. (Apêndice XI, p.68)

Acesso a carreira de treinador.

Em relação às Condições de Acesso a Formação, mais precisamente em relação ao “*acesso à carreira de treinador devido à experiência esportiva*”, parece haver um consenso por parte dos treinadores de que “*todos os indivíduos devem ter acesso à carreira de treinador*”, isto foi apontado por 92,6% dos indivíduos, ou seja, dos 27 (vinte e sete) entrevistados, apenas 2 (dois) treinadores apontaram que somente *antigos atletas/jogadores* podem ter acesso à carreira de treinador. (Tabela 10, p.48)

Quando perguntados sobre o “*acesso à carreira de treinador em função da escolaridade*”, 96,3% dos treinadores indicaram que somente devem ter acesso os “*indivíduos com ensino superior completo*” (Tabela 11, p. 48). Ainda, questionados sobre o “*acesso à carreira de treinador em relação à formação específica*”, 66,7% dos treinadores apontaram que “*todos devem ter acesso à carreira de treinador, desde que tenham formação específica*”, e apenas 3 (três) indivíduos acreditam que somente os treinadores formados nos cursos específicos das entidades oficiais (CBV). (Tabela 12, p.48)

Tabela 10: Acesso à carreira de treinador em função da experiência esportiva.

Acesso à carreira de treinador devido à experiência esportiva	N	%
Antigos atletas/jogadores	2	7,4
Todos indivíduos devem ter acesso à carreira de treinador	25	92,6
Total	27	100,0

Tabela 11: Acesso à carreira de treinador em função da escolaridade.

Acesso à carreira de treinador devido à escolaridade	N	%
Indivíduos com ensino superior completo	26	96,3
Todos indivíduos devem ter acesso à carreira de treinador	1	3,7
Total	27	100,0

Estes resultados sugerem que, apesar de os treinadores julgarem necessário possuir uma formação superior para exercer a função, a grande maioria dos entrevistados acredita que tanto os indivíduos que possuem formação superior, quanto os indivíduos que possuem a formação específica, devem ter acesso à carreira de treinador. Sendo assim, julgamos que os cursos específicos oferecidos aos treinadores de voleibol também são observados como de grande valia para a formação.

Tabela 12: Acesso à carreira de treinador em função da formação específica.

Acesso à carreira de treinador devido à formação específica	N	%
Indivíduos com formação realizada no ensino superior	5	18,5
Indivíduo com formação realizada nas entidades oficiais (CBV)	3	11,1
Todos podem ter acesso, desde que tenham formação específica	18	66,7
Todos podem ter acesso à carreira de treinador	1	3,7
Total	27	100,0

Seguindo na área da formação dos treinadores de voleibol, os entrevistados responderam a questão relativa a “*quem deve ser a entidade responsável pela formação inicial do treinador*”, onde, 77,8% responderam que “*a formação inicial de treinadores deve ser realizada pelo sistema esportivo (CBV) e pelo sistema educativo (Ensino Superior)*” (Apêndice XV, p.70). Mais uma vez, os resultados estão de acordo com a literatura revisada, onde os treinadores valorizam tanto a

formação superior quanto a formação específica. Sendo assim, o sistema de formação continua entre a formação acadêmica e os cursos específicos é a mais indicada entre os treinadores entrevistados.

Na comparação entre os grupos, a questão “*acesso à carreira de treinador devido à experiência esportiva*” não apresentou diferença na predominância de respostas, porém, podemos observar que os dois indivíduos que apontaram que somente “*antigos atletas/jogadores*” podem ter acesso à carreira de treinador, são integrantes do Grupo 2. (Apêndice XII, p.69)

Também não houve diferença na comparação entre os grupos em relação ao “*acesso à carreira de treinador em função da escolaridade*” (Apêndice XIII, p.69). Porém, no quesito “*acesso à carreira de treinador em função da formação específica*”, conseguimos identificar que 87,5% dos treinadores do Grupo 1 apontaram que “*todos podem ter acesso, desde que tenham formação específica*” (Apêndice XIV, p.70)

Em relação a “*quem deve ser a entidade responsável pela formação inicial do treinador*”, houve predominância na resposta “*a formação inicial de treinadores deve ser realizada pelo sistema esportivo (CBV) e pelo sistema educativo (Ensino Superior)*” em ambos os grupos, estando de acordo com o que foi apontado na média geral. (Apêndice XVI, p.71)

Estratégias de formação contínua do treinador

Esta questão foi respondida pelos treinadores através de uma escala de nível de importância, onde, sendo 1 (um) o de menor valor e 5 (cinco) o de maior valor.

De uma forma geral, ambos os grupos apresentaram médias entre 3,5 e 4; em relação ao nível de importância das estratégias de formação contínua do treinador, sendo a de valor mais baixo, 3,5; do Grupo 1, e a de valor mais alto, 3,91; do Grupo 2 (Tabela 13, p.50).

Dentre as estratégias levantadas, a que se refere à “67 - A formação contínua de treinadores deve ser realizada através de “Counseling” (Aconselhamento a pedido por colega experiente e ou técnico(s) de outra(s) área(s) - Consulta de aconselhamento)” recebeu níveis mais baixo de importância em todos os grupos (Apêndices XVIII, XIX p.70; XX, p.73).

Tabela 13: Comparação das médias dos grupos em relação ao nível de importância das estratégias de formação contínua do treinador.

Estratégias de formação contínua do treinador	N	Média	Desvio Padrão	p
Grupo 1	8	3,50	,724	0,295
Grupo 2	9	3,91	,306	
Grupo 3	10	3,74	,734	
Total	27	3,75	,628	

Avaliação dos cursos de formação de treinadores

Aos treinadores que nos últimos 5 (cinco) anos frequentaram cursos específicos da CBV, solicitamos uma avaliação das características dos cursos, através de uma escala de qualidade, onde, 1 (um) representa a pior qualificação e 4 (quatro) a melhor qualificação.

Com base nos resultados, podemos considerar que a média geral da qualidade dos itens elencados, 3,47; foi muito boa (Tabela 14, p.51). Ou seja, os treinadores julgam de uma forma geral, que os cursos que frequentaram fora de “bom” a “muito bom”. Também é importante apontar que no item “76 - *Nível de conhecimentos dos formadores*”, todos os treinadores indicaram o nível de qualidade “muito bom”. E ainda, apesar de também possuir uma qualificação entre “bom” e “muito bom”, o item “78 - *Modelo de avaliação*” foi o que obteve a menor média dentre todos. (Gráfico 2, p.51)

Ao realizarmos a comparação entre os grupos, podemos notar uma discrepância na média do Grupo 1 em relação ao Grupo 2 e ao Grupo 3, porém, esta diferença ocorre em função do baixo número de treinadores do Grupo 1 que frequentaram os cursos de formação técnica específica, somente 2 (dois) no caso. (Tabela 14, p.51)

Como citado anteriormente, os dados apresentados acima apontam uma satisfação dos treinadores em relação aos cursos de formação técnica específica que frequentaram.

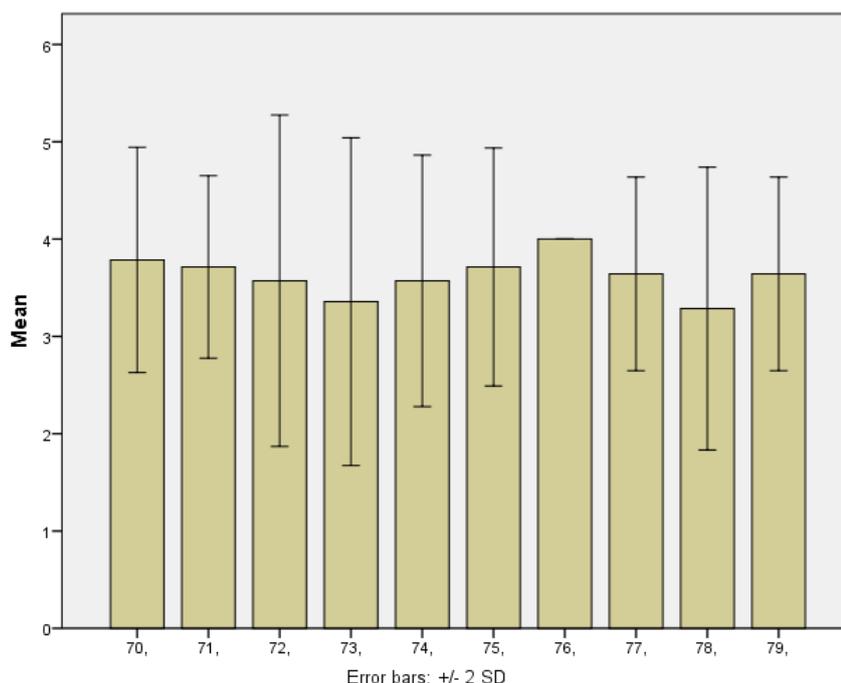
Necessidades de formação

Nesta parte do estudo abordamos os indivíduos sobre a sua percepção em relação à necessidade de determinadas áreas na formação do treinador. A escala de percepção de necessidade vai de 1 (um) a 4 (quatro), onde, 1 (um) representa “nenhuma necessidade” e 4 (quatro) representa “muita necessidade”.

Tabela 14: Comparação da média entre grupos acerca da avaliação da qualidade dos cursos de formação técnica específica (CBV).

Avaliação do curso de formação que freqüentou	N	Média	Desvio Padrão	p
Grupo 1	2	2,95	1,484	
Grupo 2	8	3,68	,364	0,250
Grupo 3	7	3,37	,478	
Total	17	3,47	,586	

Gráfico 2: Média geral de avaliação da qualidade dos cursos de formação técnica específica (CBV)



Os resultados apresentam uma média geral de 3,46 para a percepção dos treinadores em relação às necessidades de formação. Também podemos observar

que tanto o Grupo 1, quanto o Grupo 2 e Grupo 3, apresentaram médias similares à média geral. (Tabela 15, p.52)

Dentre os itens que obtiveram maiores médias gerais de percepção de necessidade de formação, podemos destacar: “82 - Regras e arbitragem”, “84 - Técnica e Tática”, “86 - Pedagogia do desporto”, “87 - Psicologia do desporto”, “91 - Desenvolvimento de jovens praticantes” e “92 - Metodologia do treino”. O item que apresentou menor média geral de percepção de necessidade de formação, estando elencado entre de “pouca necessidade” e “alguma necessidade”, foi “80 - História da modalidade”. (Gráfico 3, p.53)

Como podemos observar, novamente os itens que tratam de aspectos técnico-táticos e de metodologia do treino estão elencados como de grande importância e/ou necessidade. Ainda podemos correlacionar as competências de identificação e correção de erros com as necessidades psicopedagógicas.

Tabela 15: Comparação da média entre grupos acerca da percepção em relação às necessidades de formação dos treinadores.

Percepção em relação às necessidades de formação	N	Média	Desvio Padrão	p
Grupo 1	8	3,43	,329	0,772
Grupo 2	9	3,43	,289	
Grupo 3	10	3,52	,295	
Total	27	3,46	,295	

Através da comparação entre os grupos, podemos observar que as médias de cada grupo estão de acordo com a média geral, porém, é importante salientar que os itens “Regras e arbitragem” e “Técnica e Tática” foram apontados como de “muita necessidade” por 100% dos treinadores do Grupo 2. (Apêndice XXIV, p.75)

Desempenho da atividade

Para finalizar, solicitamos aos treinadores que apontassem a necessidade de determinados fatores no desempenho da atividade de treinador. Novamente foi utilizada uma escala de percepção de necessidade de 1 (um) a 4 (quatro), onde, 1 (um) representa “nenhuma necessidade” e 4 (quatro) representa “muita necessidade”.

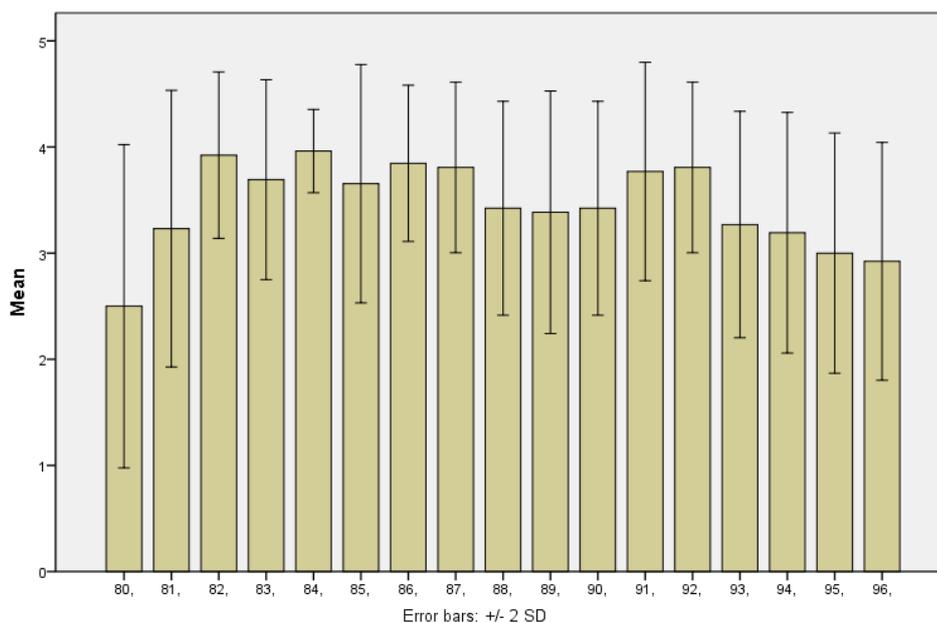
A média geral de percepção da necessidade dos fatores no desempenho das atividades de treinador foi de 3,61. A média de cada um dos grupos é similar a média geral. (Tabela 16, p.53)

Tabela 16: Comparação da média entre grupos acerca da percepção em relação às necessidades dos fatores no desempenho das atividades de treinador.

Importância no desempenho da atividade de treinador	N	Média	Desvio Padrão	p
Grupo 1	8	3,50	,330	
Grupo 2	9	3,67	,353	0,479
Grupo 3	10	3,65	,289	
Total	27	3,61	,320	

Em geral, todos os fatores apresentados possuíram uma média similar, sendo considerados entre “alguma necessidade” e “muita necessidade”, porém, o fator “105 - Nível de prática como atleta” foi o que apresentou menor média. (Gráfico 4, p.54)

Gráfico 3: Média geral acerca da percepção em relação às necessidades de formação dos treinadores.



Na comparação entre os grupos podemos perceber algumas diferenças. No Grupo 1, alguns fatores parecem ter médias menores quando comparados aos outros dois grupos, principalmente os fatores “99 - A experiência como praticante (anos de prática)” e “105 - Nível de prática como atleta”. Em compensação, o Grupo 2 parece apresentar as maiores médias, inclusive nos dois fatores citados acima. O Grupo 3 parece possuir os valores de média dos fatores mais aproximados com os valores de média geral. (Gráfico 5, p.54; 6 e 7, p.55)

Com base nestas comparações, acreditamos ser possível apontar que os treinadores do Grupo 2 e do Grupo 3 percebem os fatores “A experiência como praticante (anos de prática)” e “Nível de prática como atleta” com mais importância/necessidade do que os treinadores do Grupo 1.

Gráfico 4: Média geral acerca da percepção em relação às necessidades dos fatores no desempenho das atividades de treinador.

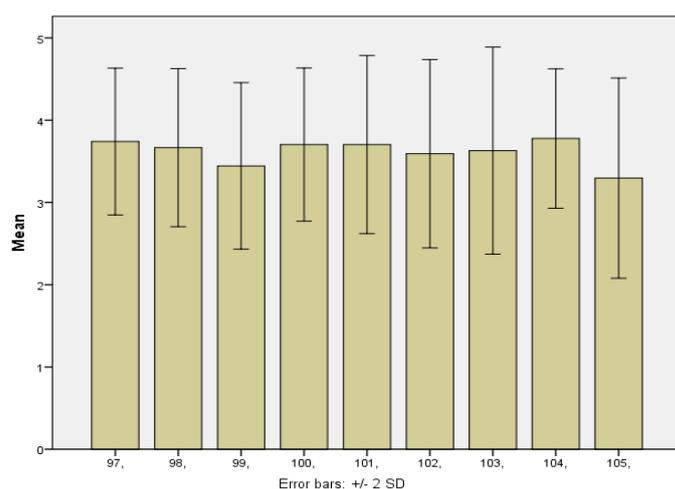


Gráfico 5: Média do Grupo 1 acerca da percepção em relação às necessidades dos fatores no desempenho das atividades de treinador.

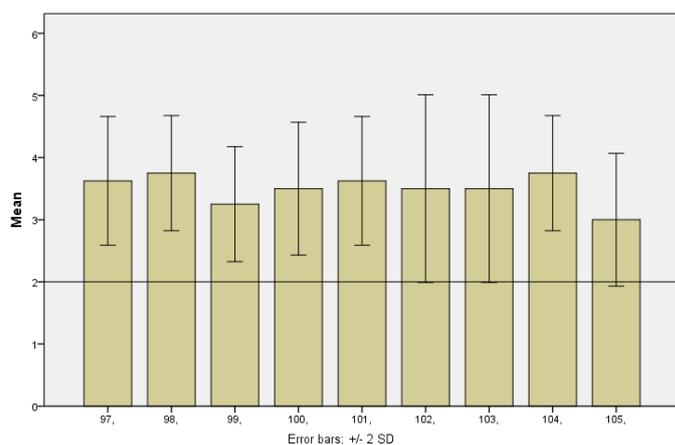


Gráfico 6: Média do Grupo 2 acerca da percepção em relação às necessidades dos fatores no desempenho das atividades de treinador.

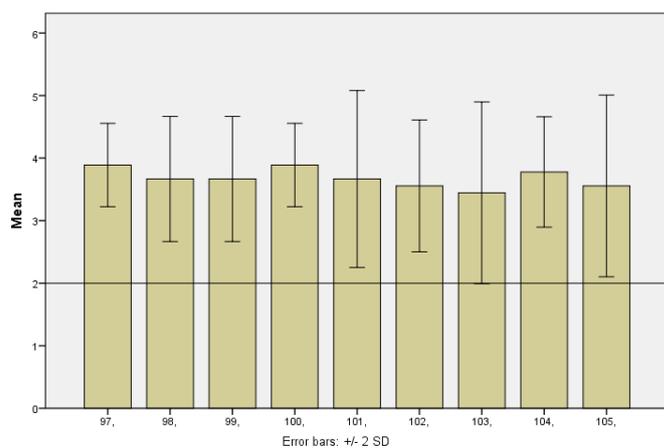
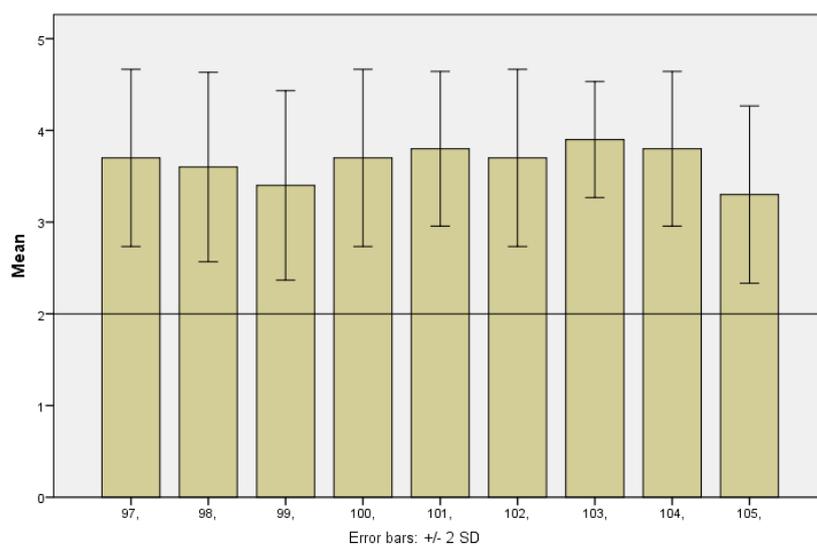


Gráfico 7: Média do Grupo 3 acerca da percepção em relação às necessidades dos fatores no desempenho das atividades de treinador.



Todos os itens e/ou questões que não foram citadas na análise dos resultados estão disponíveis no Anexo II, p.77.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

5.1 PERFIL DOS TREINADORES DE VOLEIBOL DO RIO GRANDE DOS SUL

Através dos resultados obtidos neste estudo, a partir da amostra analisada, podemos apontar que os treinadores de voleibol do Rio Grande do Sul são predominantemente treinadores do sexo masculino, com uma média de idade de 39 anos, que possuem ensino superior completo. Acreditamos que, apesar da amostra representar um n relativamente baixo, o que pode se considerar como uma limitação do estudo, estes dados representem uma realidade no que diz respeito aos treinadores atuantes no voleibol gaúcho.

Verificamos que, dentre os treinadores que possuem formação em curso técnico específico, existe uma predominância de treinadores Nível III. Acreditamos que o fato de o indivíduo estar habilitado a dirigir equipe de qualquer nível, em competições oficiais da CBV, represente o principal fator por apresentarmos esta maioria de treinadores Nível III. Porém, acreditamos serem necessários novos estudos que busquem verificar quais os principais motivos que levem os treinadores a freqüentarem os cursos de formação técnica específica, e também, o que os motiva a buscarem um melhor nivelamento.

Também podemos identificar que todos os treinadores entrevistados são ex-praticantes da modalidade. Sendo assim, podemos supor que esta é uma realidade do voleibol gaúcho, porém, de forma a confirmar esta suposição, julgamos pertinente à realização de um estudo com uma amostra mais abrangente, possibilitando assim, apresentar um resultado mais realista.

Além disto, 70% dos entrevistados apontaram exercer a função a de treinador a nível nacional. Então, a partir destes dados podemos supor que, os treinadores de voleibol do Rio Grande do Sul são, em sua maioria, ex-atletas, que atuaram pelo menos a nível regional e que, atualmente exercem sua função de treinador a nível nacional. Porém, realçamos a importância de um novo estudo com amostragem maior para uma constatação mais segura dos resultados ora apresentados.

Não observamos uma diferença predominante em relação às categorias em que os treinadores trabalham. Porém, este resultado pode estar relacionado à dificuldade em tabular os dados que encontramos nesta questão.

Indicamos que são necessários estudos com um n maior, e também, melhores estratégias de aprofundamento nas questões direcionadas às categorias em que o treinador trabalha, possibilitando desta forma, resultados mais fidedignos.

Competências e Conhecimentos.

Conseguimos apontar que os treinadores de voleibol do Rio Grande do Sul julgam de grande importância as competências e conhecimentos que foram apresentados neste estudo. Foi elencado pelos entrevistados, como de maior importância, as competências e conhecimentos de cunho técnico-tático, da metodologia e planejamento de treino e de motivação profissional. Por outro lado, os treinadores julgam de menor importância as competências e conhecimentos relacionados à violência e “doping” no esporte, pesquisas científicas e gestão de carreiras. Porém, todas elas consideradas pelo menos de importância razoável.

As competências e conhecimentos técnico-táticos e de metodologia de treino ainda são considerados pelos treinadores como os mais importantes na atividade profissional, e apesar da abrangência das áreas atuantes no esporte, podemos apontar que as competências e conhecimentos que foram indicados como de menor importância ainda não adquiriram o mesmo nível de importância apontado nas competências “tradicionais”.

Acesso a carreira de treinador e Estratégias de formação contínua.

Há um consenso por parte dos treinadores entrevistados de que todos os indivíduos devem ter acesso à carreira de treinador, porém, necessitam ter ensino superior completo ou formação em curso técnico específico. Os treinadores também acreditam que a formação inicial de treinadores deve ser realizada pelo sistema esportivo (CBV) e pelo sistema educativo (Ensino Superior).

Entendemos que os treinadores valorizam tanto a formação superior quanto a formação específica, sendo assim, o sistema de formação contínua entre a formação acadêmica e os cursos específicos é a mais indicada entre os treinadores entrevistados.

Constatamos médias entre 3,5 e 4; em relação ao nível de importância das estratégias de formação contínua do treinador. Como neste quesito não houve

diferenças significativas entre os grupos, podemos considerar que este resultado demonstra que os treinadores julgam importantes as estratégias apresentadas na pesquisa.

Avaliação dos cursos de formação de treinadores

Os treinadores que freqüentaram os cursos de formação técnica específica se demonstraram satisfeitos as questões levantadas em relação à qualidade do curso, porém, apesar de não apresentar um baixo resultado, o quesito “modelo de avaliação” obteve a média mais baixa de qualificação. Sendo assim, pode ser necessário um estudo mais aprofundado acerca dos métodos de avaliação utilizados nos mesmos.

Necessidades de formação

De uma forma geral, as áreas apresentadas foram consideradas muito necessárias para a formação do treinador. Onde, mais uma vez, as maiores percepções de necessidade para a formação do treinador, se encontraram nas áreas técnico-táticas, de metodologia e planejamento de treino e nas habilidades psicopedagógicas.

Desempenho da atividade

O nível de importância dos fatores relacionados ao desempenho da atividade de treinador, seguindo a tendência, também obteve valores altos na percepção dos treinadores entrevistados.

Contudo, neste tópico, apesar de também ser atribuída uma importância considerável, o item “nível de prática como atleta” foi o que apresentou menor média de importância no desempenho da atividade de treinador. Em função da predominância de apontamento da área técnico-tática dentre os itens mais importantes e necessários, indicamos que seria interessante a elaboração de um estudo que aborde a autopercepção dos treinadores acerca do desempenho técnico-tático em função de seu nível e anos de prática como atleta.

Enfim, para complementar, é possível considerar que os treinadores de voleibol do Rio Grande do Sul (entrevistados) percebem os itens que foram apresentados neste estudo como importantes e necessários para a formação e o desempenho profissional. Também, em função da predominância de apontamento de importância e necessidade, julgamos que as áreas técnico-táticas, de metodologia e planejamento de treino e a área psicopedagógica, são consideradas as mais importantes e necessárias na formação e na atividade profissional do treinador.

5.2 COMPARAÇÃO DOS TREINADORES EM FUNÇÃO DO ÂMBITO EM QUE TRABALHA

Não houve grandes diferenças entre os grupos em relação à idade, sexo e escolaridade, porém, apesar do baixo nível de incidência de indivíduos com ensino superior incompleto, 100% deles se encontram no Grupo 2. Com base nisso, julgamos necessário um estudo mais aprofundado, com uma amostragem maior, comparando as diferenças de nível de escolaridade entre os treinadores escolares e os treinadores de entidades esportivas.

Como podemos constatar na análise estatística dos dados, 62,5% dos treinadores que apontaram não possuir formação técnica específica se encontram no Grupo 1. É necessário esclarecer as questões legais acerca das necessidades de formação técnica específica para atuar em equipes e competições escolares, porém, de qualquer maneira, julgamos pertinente a realização de novos estudos, com o intuito de entender a falta de procura dos treinadores que trabalham com equipes escolares junto aos cursos de formação técnica específica.

Outro ponto que apresentou diferenças relevantes entre os grupos, de treinadores entrevistados, foi a questão relativa aos anos de prática como atleta até o juvenil, onde 62,5% treinadores do Grupo 2 apontaram ter atuado a nível nacional.

Também podemos constatar que 66,6% dos treinadores do Grupo 2 atuaram como atleta profissional a algum nível, enquanto que 75% dos treinadores do Grupo 1, e 90% dos treinadores do Grupo 3 apontaram não ter tido nenhuma prática como atleta profissional

Sendo assim, podemos considerar que o nível de prática como atleta pode estar relacionado com o âmbito de trabalho e suas exigências. Acreditamos que a

possibilidade da continuidade na carreira esportiva e o nível técnico das equipes e competições possam ser fatores que influenciam na escolha do âmbito de trabalho de um treinador que é ex-atleta, porém, sugerimos a realização de estudos mais aprofundados, que comparem o nível de experiência como atleta em relação ao âmbito em que o treinador trabalha.

Em função do nível de prática como treinador, observamos que 88,9% dos treinadores do Grupo 2, e 90% do Grupo 3 indicaram exercer a função a nível nacional. Como podemos ver, o Grupo 2, que apresentou níveis altos de prática como atleta, também apresenta níveis altos na prática como treinador.

No Grupo 1, os resultados apontaram que 50% dos indivíduos exercem a função a nível regional e, se comparados os três grupos, o Grupo 1 representa 80% da totalidade dos treinadores que apontaram exercer a função a nível regional.

Com base nos dados apresentados, consideramos que possa haver uma relação entre o nível de prática como treinador em função do âmbito em que trabalha o nível de prática como atleta, porém, julgamos importante realizar estudos mais aprofundados para avaliar a questão, ou então, novos estudos comparativos, porém, com uma amostragem maior.

Além disso, foi possível verificar que os treinadores do Grupo 3 apresentaram maior tempo de carreira como treinador, o que pode sugerir que os indivíduos que trabalham tanto em escola quanto entidade esportiva possuem maior experiência profissional. Porém, da mesma forma, sugerimos novos estudos com uma amostragem maior para melhor comprovação dos resultados.

Competências e Conhecimentos.

Nas questões relacionadas à avaliação das competências e conhecimentos, observamos que o Grupo 1, diferentemente da média geral, não elencou o item *“Demonstrar motivação para a atividade e para a progressão na carreira”* entre as competências de maior nível de importância, e também não elencou o item *“Capacidade de formular necessidades de pesquisa”* entre as competências de menor nível de importância. Consideramos esta ocorrência em função da exigência das competições e o nível dos atletas no âmbito escolar, e também, pelo fato de o ambiente escolar propiciar e incentivar pesquisas científicas.

Constatamos também, no Grupo 1, que a competência “*Conhecimentos sobre gestão de carreiras esportivas dos jogadores*” era a única que se encontrava entre as de “pequena importância” e “importância razoável”. Consideramos este resultado previsível, já que, este não é o principal objetivo de equipes escolares.

No Grupo 2, dentro das competências de maior importância, além das que já estavam na média geral, aparecem também as “Competências para cooperar na formação de outros treinadores”, a “Capacidade de transmitir o conteúdo informativo de uma forma eficaz” e a “Capacidade de operacionalizar a transmissão dos conteúdos”. Acreditamos que o fato de mais competências psicopedagógicas estarem elencadas nas consideradas de mais importância pelo Grupo 2 reforçam o que já afirmamos, há uma predominância de apontamento de maior percepção de necessidade e importância na atividade da profissão nas áreas técnico-táticas, de metodologia e planejamento de treino e na área psicopedagógica.

Porém, consideramos que “Competências para cooperar na formação de outros treinadores” estar entre as competências de maior importância no Grupo 2, pode estar relacionado ao fato de existir uma equipe de treinadores, auxiliares e estagiários dentro de uma entidade esportiva.

Acesso à carreira de treinador e Estratégias de formação contínua.

Não houve diferenças predominantes nestes quesitos, em nenhum dos grupos, como também não existiu quando comparados entre si.

Avaliação dos cursos de formação de treinadores

Não houve diferenças predominantes nestes quesitos, em nenhum dos grupos, como também não existiu quando comparados entre si. O fato de apenas dois indivíduos do Grupo 1 terem participado de cursos de formação técnica específica também prejudica a comparação dos dados entre os grupos.

Necessidades de formação

As áreas apresentadas foram consideradas muito necessárias para a formação do treinador, porém “Regras e arbitragem” e “Técnica e Tática” foram

apontados como de “muita necessidade” por 100% dos treinadores do Grupo 2, o que está de acordo com o que já apresentamos anteriormente, há uma predominância de apontamento de maior percepção de necessidade e importância na atividade da profissão nas áreas técnico-táticas, de metodologia e planejamento de treino e na área psicopedagógica.

Desempenho da atividade

No desempenho da atividade dos treinadores, apesar das médias similares entre os três grupos, há um quesito onde podemos apontar diferença. Com base nos dados analisados, acreditamos ser possível apontar que os treinadores do Grupo 2 e do Grupo 3 percebem os fatores “A experiência como praticante (anos de prática)” e “Nível de prática como atleta” com mais importância/necessidade do que os treinadores do Grupo 1. Novamente os resultados indicam uma possível relação entre o nível de prático como treinador em função do âmbito em que trabalha e o nível de prática como atleta.

Enfim, foram encontradas diferenças consideráveis, principalmente no Grupo 2 em comparação ao outros grupos, referente a um apontamento de maior nível de prática como atleta, e também, referente à de maior percepção de necessidade e importância na atividade da profissão nas áreas técnico-táticas, de metodologia e planejamento de treino e na área psicopedagógica.

Também podemos encontrar diferenças no Grupo 1, em comparação aos outros grupos, principalmente referente à falta de formação técnica específica, predominância no quesito treinadores de nível regional e percepção de menor importância e necessidade nos fatores “A experiência como praticante (anos de prática)” e “Nível de prática como atleta” no desempenho da atividade de treinador.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Gláucio de Oliveira. Perfil de um treinador no mundo globalizado. Fortaleza: RDS, 340p, 2006.

CBV. Normas para registro de treinador e preparador físico de quadra – 2014/2016. www.cbv.com.br

CORTELA, Caio Correa et al. . A formação inicial e continuada dos treinadores paranaenses de tênis. Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 11, n. 2, p. 60-84, abr./jun. 2013.

COSTA, João Paulo Azevedo da. A formação do treinador de futebol – Análise de competências, modelos e necessidade de formação. Tese de Mestre em Treino do Jovem Atleta, Universidade Técnica de Lisboa – Faculdade de Motricidade Humana, 2005.

CRUZ, José Fernando et al. . Um programa de formação para a eficácia dos treinadores da iniciação e formação desportiva. *Análise Psicológica*, 19 (1), 171-182, 2001.

CUNHA, Gabriel Barros da. *Análise da autopercepção dos treinadores de futebol no domínio dos conhecimentos e competências profissionais e no reconhecimento das necessidades de formação*. Acervo FADEUP, 2008.

CUNHA, Gabriel Barros da et al. . Necessidade de formação para o exercício profissional na perspectiva do treinador de Futebol em função de sua experiência e nível de formação. *Motriz, Rio Claro*, v.16 n.4 p.931-941, out./dez, 2010.

DEMERS, Guylaine; WOODBURN, Andrea; SAVARD, Claude. *The development of an undergraduate competency-based coach education program*. *The Sport Psychologist*, 20, 162-173, 2006.

FERNANDES, João Carlos Pires et al. . Uma análise do perfil dos treinadores ex-atletas do futebol profissional brasileiro. *Esporte e Sociedade*, ano 8, n 22, set., 2013.

GOMES, Rúben Emanuel et al. . Acesso à carreira de treinador e reconhecimento das entidades responsáveis pela formação: um estudo com treinadores portugueses em função do nível de escolaridade e da experiência profissional. *R. da Educação Física/UEM, Maringá*, v. 22, n. 2, p. 185-195, 2. trim. 2011.

ISIDRO, Ana Sofia Marques. Formação de treinadores em Portugal: condições de acesso, valorização da formação inicial e estratégias de formação contínua. Porto: Universidade do Porto, 2009. 106p. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Desporto, 2º Ciclo em Desporto para Crianças e Jovens, Universidade do Porto, Porto, 2009.

LIUKKONEM, Jukka; LAAKSO, Liisa; TELAMA, Risto. Educational Perspective of youth sport coaches: analysis of observed coaching behaviors. *International Journal Sport Psychology*, 27, 439 – 453, 1996.

LOPES, Horácio. O Treinador... esse líder maravilhoso!, *Artigos de Gestão do Desporto*, maio, 2011.

LOPES, Mariana; SAMULSKI, Dietmar; NOCE, Franco. Análise do perfil ideal do treinador de voleibol das seleções brasileiras juvenis. *R. bras. Ci. e Mov. Brasília* v. 12 n. 4 p. 51-55 dezembro, 2004.

OLIVEIRA, Erick Miguel de; PAULO, Anderson Caetano. A formação do treinador d e futebol e sua relação com os resultados no campeonato brasileiro de 2008. *Revista Digital - Buenos Aires - Año 15 - Nº 143 – Abril*, 2010.

OLIVEIRA, Weberson Martins de et al. . Necessidades de formação dos treinadores para o voleibol atual. *EFDeportes.com, Revista Digital*. Buenos Aires, Año 19, Nº 202, Marzo, 2015.

PEREIRA, Felismina Rosa Marques; MESQUITA, Isabel Maria Ribeiro; GRAÇA, Amândio Braga dos Santos. A investigação sobre a eficácia pedagógica no ensino do desporto. *R. da Educação Física/UEM, Maringá*, v. 21, n. 1, p. 147-160, 1. trim., 2010.

RESENDE, Rui; MESQUITA, Isabel Maria Ribeiro; FERNANDEZ, Juan. Concepções dos treinadores acerca dos conhecimentos e competências no exercício da função e de acordo com o sexo e a experiência. In: *Actas do 1º Congresso Internacional de Jogos Desportivos – Olhares e contextos da performance ao rendimento*, Secção Comunicação, [CDROM], 2007.

ROSADO, António; MESQUITA, Isabel Maria Ribeiro. (2007) A formação para ser treinador. 1º Congresso Internacional de Jogos Desportivos. In: *Actas do 1º Congresso Internacional de Jogos Desportivos*, Porto, Secção conferências [CDROM], 2007.

SMITH, Ronald; SMOLL, Frank; & CUMMING, Sean. *Effects of a motivational climate intervention for coaches on young athletes' sport performance anxiety*. [Versão electrónica]. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 29, 39 – 59, 2007.

APÊNDICES

Apêndice I – Tabela: Idade média dos treinadores.

		Idade
N	Válido	26
	Não Respondeu	1
Média		39,77
Desvio padrão		10,97
Menor valor		25
Maior valor		67

Apêndice II - Tabela: Comparação entre os grupos acerca de sua escolaridade.

Escolaridade		Classificação - Treinador		
		Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
Superior Incompleto	N	0	3	0
	% Linha,	0,0%	100,0%	0,0%
	% Coluna	0,0%	33,3%	0,0%
Superior Completo	N	5	5	8
	% Linha,	27,8%	27,8%	44,4%
	% Coluna	62,5%	55,6%	80,0%
Superior Completo + Especialização	N	2	0	0
	% Linha,	100,0%	0,0%	0,0%
	% Coluna	25,0%	0,0%	0,0%
Superior Completo + Pós Graduação	N	0	1	1
	% Linha,	0,0%	50,0%	50,0%
	% Coluna	0,0%	11,1%	10,0%
Superior Completo + Mestrado	N	1	0	1
	% Linha,	50,0%	0,0%	50,0%
	% Coluna	12,5%	0,0%	10,0%
Total	N	8	9	10
	% Linha,	29,6%	33,3%	37,0%
	% Coluna	100,0%	100,0%	100,0%

Apêndice III – Tabela: Nível de prática como atleta até o juvenil.

Nível de prática como atleta até o juvenil		N	%	Valid Percent	Cumulative Percent
Valido	Regional	9	33,3	37,5	37,5
	Nacional	11	40,7	45,8	83,3
	Internacional	4	14,8	16,7	100,0
	Total	24	88,9	100,0	
Não Respondido	3	11,1			
Total	27	100,0			

Apêndice IV – Tabela: Nível de prática como treinador.

Nível de prática como treinador	N	%
Regional	5	18,5
Nacional	19	70,4
Internacional	3	11,1
Total	27	100,0

Apêndice V – Tabela: Anos de prática como treinador.

Anos de prática como treinador		
N	Válido	26
	Não Respondido	1
Média		13,58
Desvio padrão		8,608
Menor valor		3
Maior valor		44

Apêndice VI – Tabela: Categorias em que o treinador trabalha.

Categorias em que o treinador trabalha	N	%	Valid Percent	Cumulative Percent
Até o Mirim (Até 13 anos)	1	3,7	3,7	3,7
Até o Infantil (Até 15 anos)	5	18,5	18,5	22,2
Até o Infante-Juvenil (Até 17 anos)	8	29,6	29,6	51,9
Até o Juvenil (Até 20 anos)	7	25,9	25,9	77,8
Até o Adulto (Sem limite de idade)	6	22,2	22,2	100,0
Total	27	100,0	100,0	

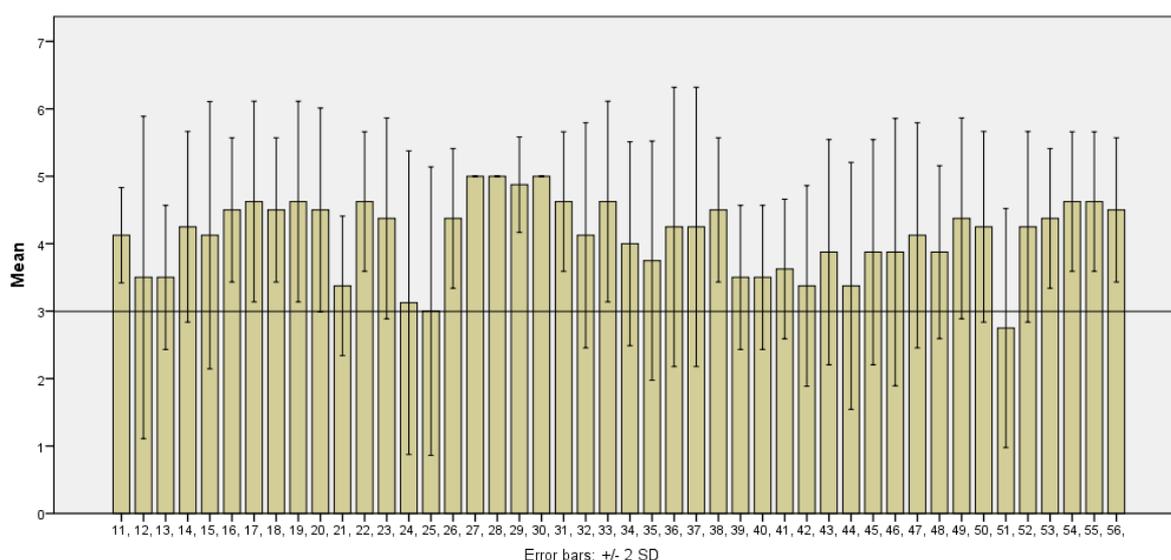
Apêndice VII – Tabela: Comparação entre os grupos acerca dos anos de prática como treinador.

Anos de prática como Treinador	N	Média	Desvio padrão	p
Grupo 1	8	9,63	6,093	0,045
Grupo 2	9	11,56	5,053	
Grupo 3	9	19,11	10,902	
Total	26	13,58	8,608	

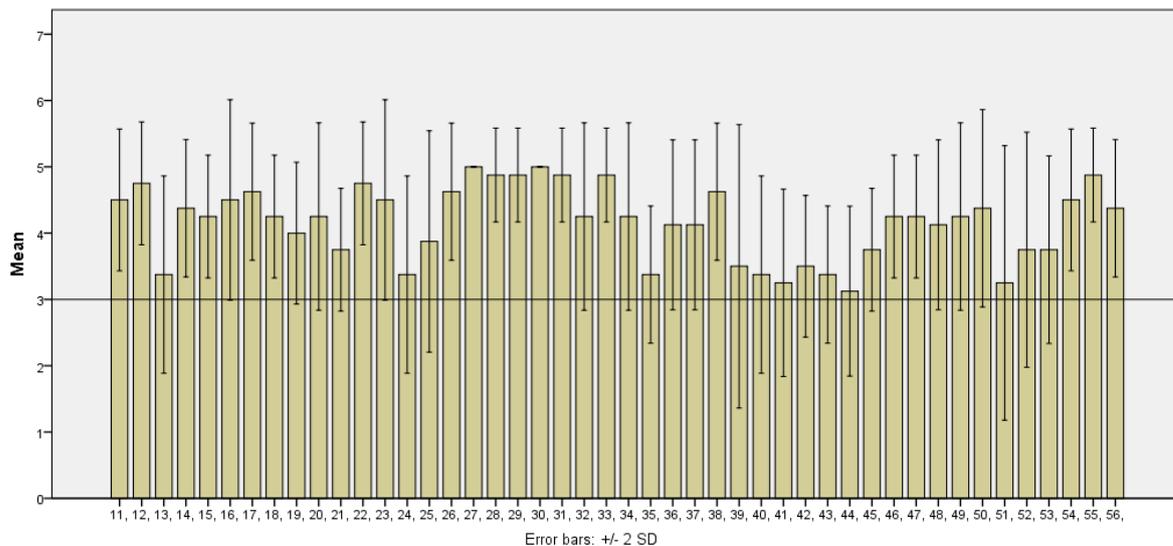
Apêndice VIII – Tabela: Média de reconhecimento de importância acerca das competências e dos conhecimentos pertinentes à carreira de treinador.

Competências e Conhecimentos	N	Média	Desvio Padrão	p
Grupo 1	8	4,12	,312	0,494
Grupo 2	9	4,20	,261	
Grupo 3	10	4,05	,261	
Total	27	4,12	,274	

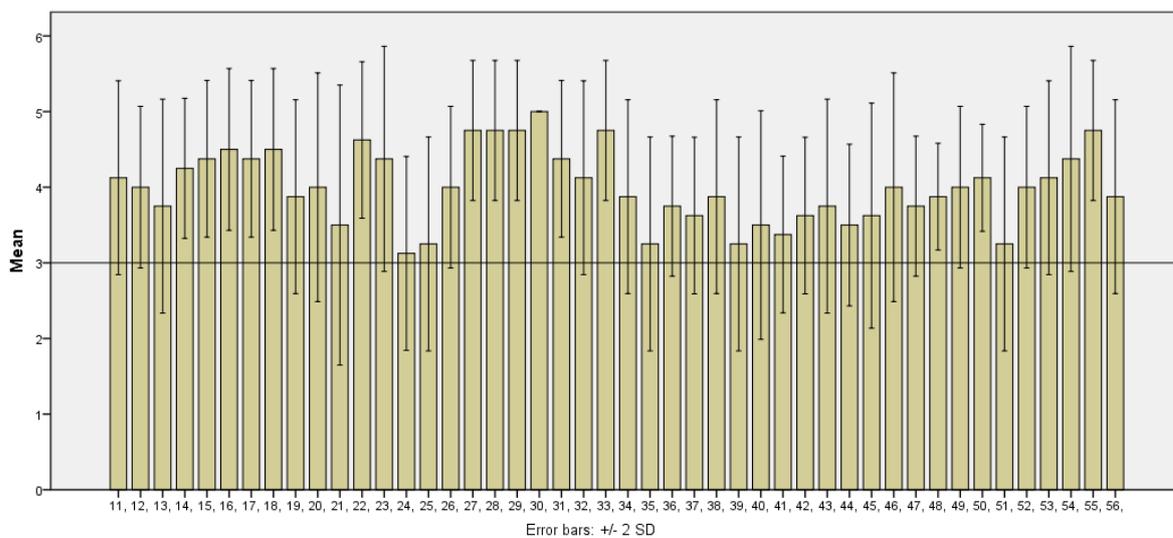
Apêndice IX – Gráfico: Média do Grupo 1, por questões, do reconhecimento de importância acerca das competências e dos conhecimentos pertinentes à carreira de treinador.



Apêndice X – Gráfico: Média do Grupo 2, por questões, do reconhecimento de importância acerca das competências e dos conhecimentos pertinentes à carreira de treinador.



Apêndice XI – Gráfico: Média do Grupo 3, por questões, do reconhecimento de importância acerca das competências e dos conhecimentos pertinentes à carreira de treinador.



Apêndice XII – Tabela: Comparação entre os grupos em relação ao acesso à carreira de treinador em função da experiência esportiva.

Acesso à carreira de treinador devido à experiência esportiva		Classificação - Treinador		
		Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
Antigos atletas/jogadores	N	0	2	0
	N Esperado	,6	,7	,7
	% Linha	0,0%	100,0%	0,0%
	% Coluna	0,0%	22,2%	0,0%
	Ajuste	-1,0	2,1	-1,1
Todos os indivíduos devem ter acesso à carreira de treinador	N	8	7	10
	N Esperado	7,4	8,3	9,3
	% Linha	32,0%	28,0%	40,0%
	% Coluna	100,0%	77,8%	100,0%
	Ajuste	1,0	-2,1	1,1
Total	N	8	9	10
	N Esperado	8,0	9,0	10,0
	% Linha	29,6%	33,3%	37,0%
	% Coluna	100,0%	100,0%	100,0%

Apêndice XIII – Tabela: Comparação entre os grupos em relação ao acesso à carreira de treinador em função da escolaridade.

Acesso à carreira de treinador em função da escolaridade		Classificação - Treinador		
		Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
Indivíduos com ensino superior completo	N	8	8	10
	N Esperado	7,7	8,7	9,6
	% Linha	30,8%	30,8%	38,5%
	% Coluna	100,0%	88,9%	100,0%
	Ajuste	,7	-1,4	,8
Todos os indivíduos devem ter acesso à carreira de treinador	N	0	1	0
	N Esperado	,3	,3	,4
	% Linha	0,0%	100,0%	0,0%
	% Coluna	0,0%	11,1%	0,0%
	Ajuste	-,7	1,4	-,8
Total	N	8	9	10
	N Esperado	8,0	9,0	10,0
	% Linha	29,6%	33,3%	37,0%
	% Coluna	100,0%	100,0%	100,0%

Apêndice XIV – Tabela: Comparação entre os grupos em relação ao acesso à carreira de treinador em função da formação específica.

Acesso à carreira de treinador devido à formação específica		Classificação - Treinador		
		Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
	N	1	1	3
Indivíduos com formação realizada no Ensino Superior	N Esperado	1,5	1,7	1,9
	% Linha	20,0%	20,0%	60,0%
	% Coluna	12,5%	11,1%	30,0%
	Ajuste	-,5	-,7	1,2
Indivíduos com formação realizada nas entidades oficiais (CBV)	N	0	1	2
	N Esperado	,9	1,0	1,1
	% Linha	0,0%	33,3%	66,7%
	% Coluna	0,0%	11,1%	20,0%
Todos podem ter acesso, desde que tenham formação específica	Ajuste	-1,2	,0	1,1
	N	7	6	5
	N Esperado	5,3	6,0	6,7
	% Linha	38,9%	33,3%	27,8%
Todos podem ter acesso à carreira de treinador	% Coluna	87,5%	66,7%	50,0%
	Ajuste	1,5	,0	-1,4
	N	0	1	0
	N Esperado	,3	,3	,4
Total	% Linha	0,0%	100,0%	0,0%
	% Coluna	0,0%	11,1%	0,0%
	Ajuste	-,7	1,4	-,8
	N	8	9	10
Total	N Esperado	8,0	9,0	10,0
	% Linha	29,6%	33,3%	37,0%
	% Coluna	100,0%	100,0%	100,0%

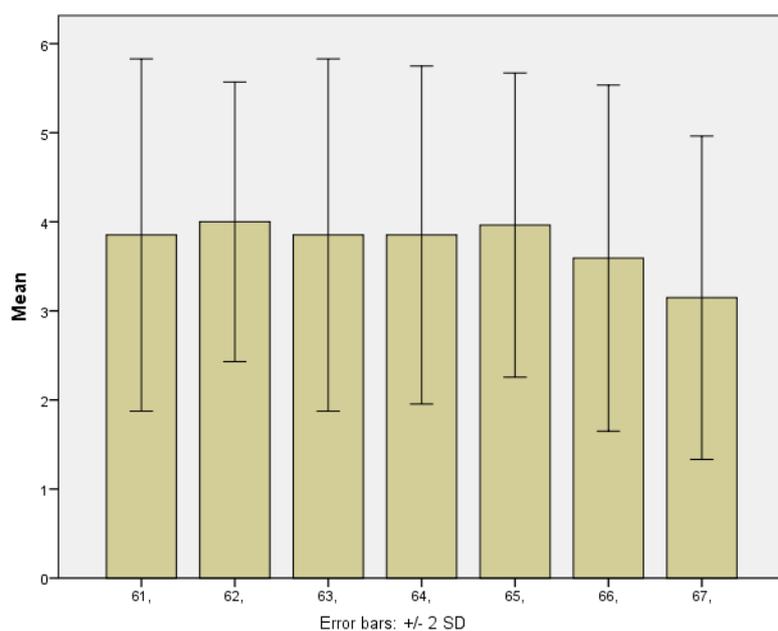
Apêndice XV – Tabela: Entidade responsável pela formação inicial.

Entidade responsável pela formação inicial	N	%
Exclusivamente no ensino superior	5	18,5
Apenas no sistema esportivo (CBV)	1	3,7
Sistema esportivo (CBV) e sistema educativo (Ensino Superior)	21	77,8
Total	27	100,0

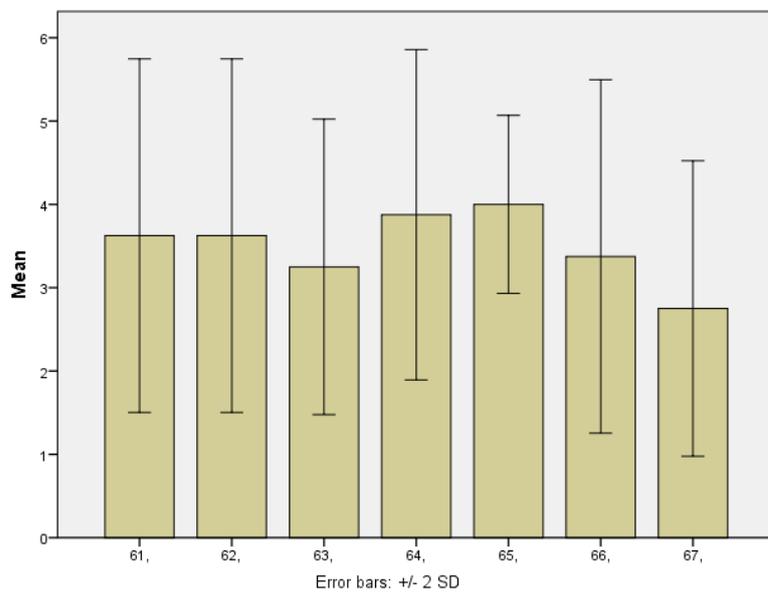
Apêndice XVI – Tabela: Comparação entre os grupos em relação à entidade responsável pela formação inicial.

Entidade responsável pela formação inicial		Classificação - Treinador		
		Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
	N	1	3	1
A formação inicial de treinadores deve ser realizada exclusivamente no Ensino Superior	N Esperado	1,5	1,7	1,9
	% Linha	20,0%	60,0%	20,0%
	% Coluna	12,5%	33,3%	10,0%
	Ajuste	-,5	1,4	-,9
	N	1	0	0
A formação inicial de treinadores deve ser realizada apenas no sistema esportivo (CBV)	N Esperado	,3	,3	,4
	% Linha	100,0%	0,0%	0,0%
	% Coluna	12,5%	0,0%	0,0%
	Ajuste	1,6	-,7	-,8
	N	6	6	9
A formação inicial de treinadores deve ser realizada pelo sistema esportivo (CBV) e pelo sistema educativo (Ensino Superior)	N Esperado	6,2	7,0	7,8
	% Linha	28,6%	28,6%	42,9%
	% Coluna	75,0%	66,7%	90,0%
	Ajuste	-,2	-1,0	1,2
	N	8	9	10
Total	N Esperado	8,0	9,0	10,0
	% Linha	29,6%	33,3%	37,0%
	% Coluna	100,0%	100,0%	100,0%

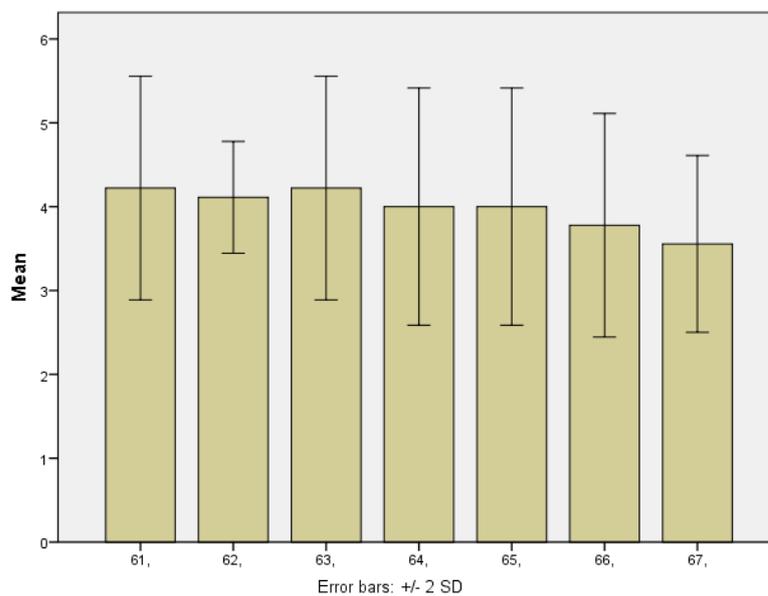
Apêndice XVII – Gráfico: Média geral em relação ao nível de importância das estratégias de formação contínua do treinador.



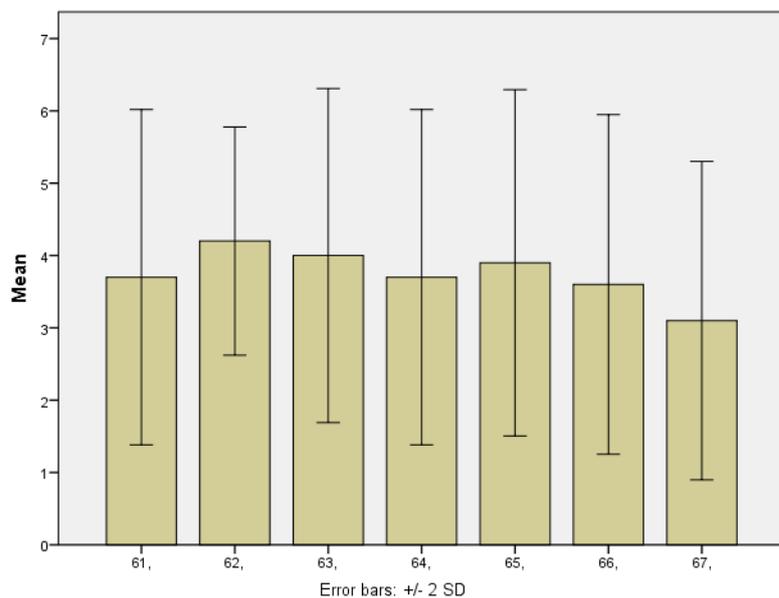
Apêndice XVIII – Gráfico: Média do Grupo 1 em relação ao nível de importância das estratégias de formação contínua do treinador.



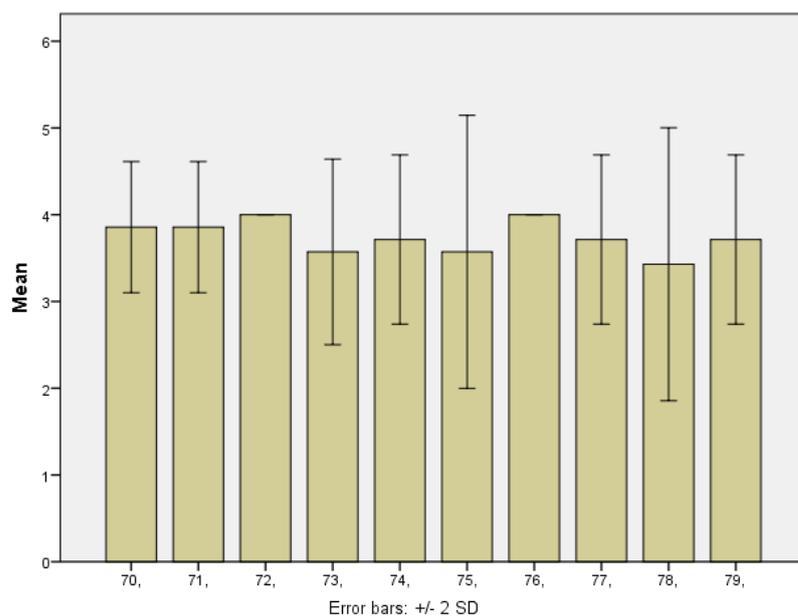
Apêndice XIX – Gráfico: Média do Grupo 2 em relação ao nível de importância das estratégias de formação contínua do treinador.



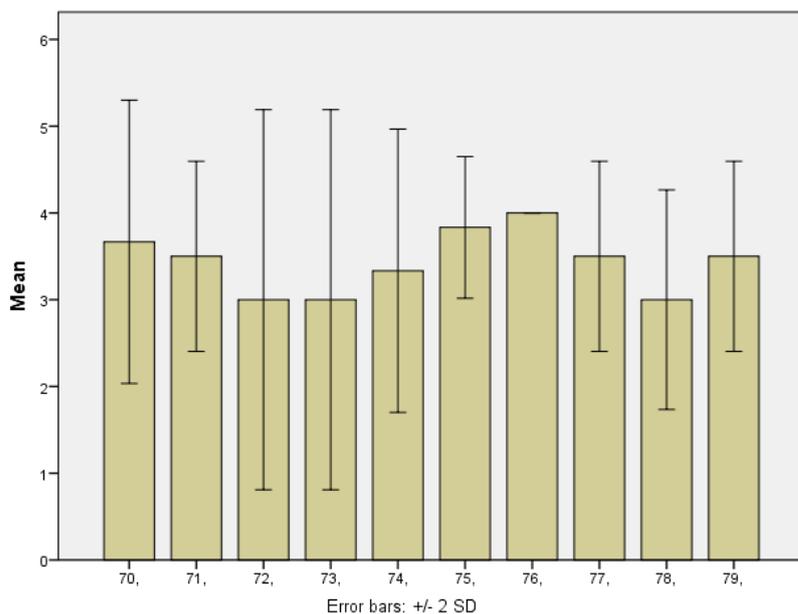
Apêndice XX – Gráfico: Média do Grupo 3 em relação ao nível de importância das estratégias de formação contínua do treinador.



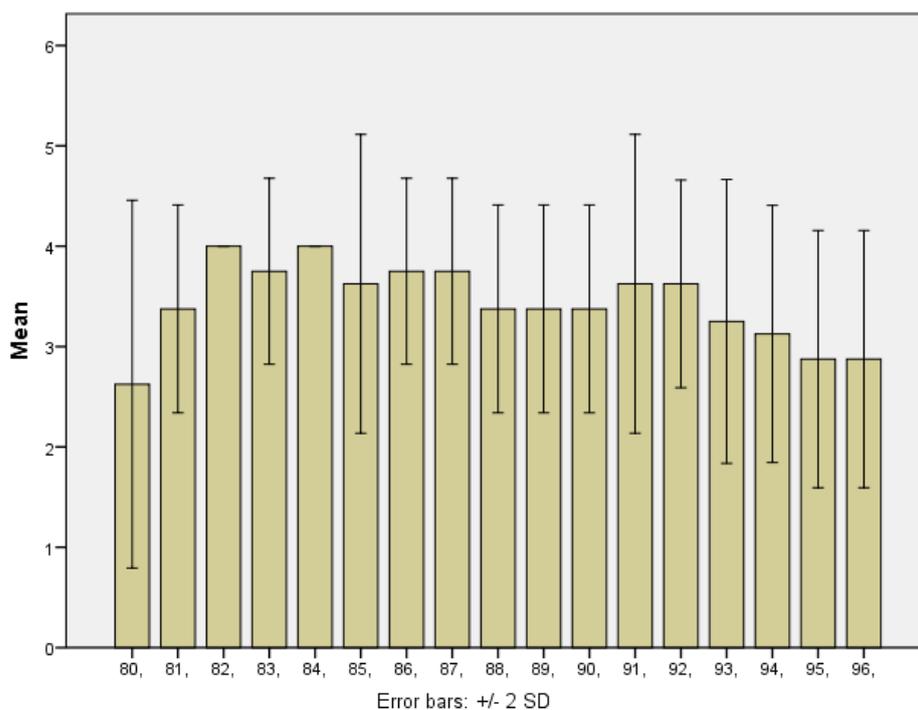
Apêndice XXI – Gráfico: Média do grupo 2 acerca da avaliação da qualidade dos cursos de formação técnica específica (CBV).



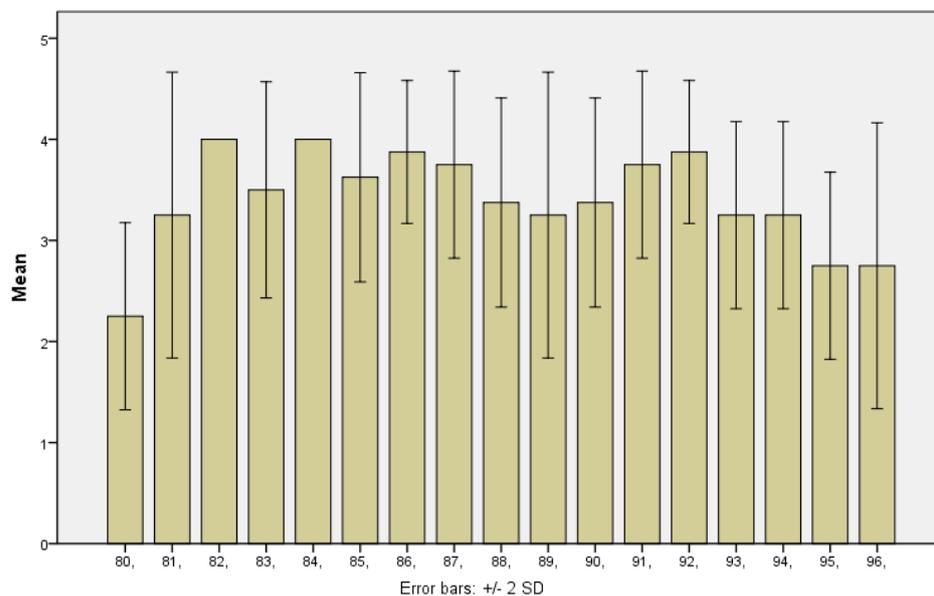
Apêndice XXII – Gráfico: Média do grupo 3 acerca da avaliação da qualidade dos cursos de formação técnica específica (CBV).



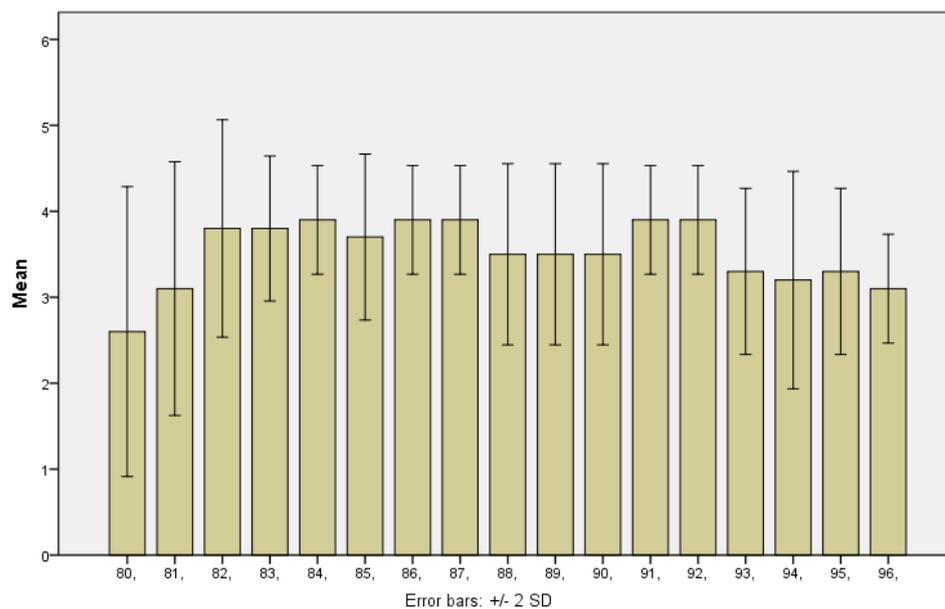
Apêndice XXIII – Gráfico: Média do Grupo 1 acerca da percepção em relação às necessidades de formação dos treinadores.



Apêndice XXIV – Gráfico: Média do Grupo 2 acerca da percepção em relação às necessidades de formação dos treinadores.



Apêndice XXV – Gráfico: Média do Grupo 3 acerca da percepção em relação às necessidades de formação dos treinadores.



ANEXOS

Anexo I: Apresentação e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

APRESENTAÇÃO E TERMO DE CONSENTIMENTO

Este questionário faz parte de um estudo sobre a “Análise do perfil de competências e das necessidades de formação dos treinadores de Voleibol”.

A sua colaboração no seu preenchimento é de vital importância e significado. Só com a sua disponibilidade será possível a obtenção de informações, de base científica, que possam contribuir para uma melhor formação e intervenção dos técnicos de voleibol.

Ao aceitar colaborar com esta investigação, garantimos o seu anonimato. Não é objeto desta coleta qualquer tipo de informação que possa colocar em causa o seu direito à confidencialidade. Assim sendo, agradecemos que responda sinceramente a todas as questões. Este questionário não é um teste, razão pela qual não há respostas certas nem erradas. Através dele, apenas pretendemos conhecer a sua opinião. Gostaríamos, desde já, de agradecer a sua colaboração.

Lembramos também que não haverá qualquer forma de remuneração financeira para os entrevistados.

Para qualquer dúvida, os contatos podem ser realizados diretamente com Gabriel Kranen Cunha através do telefone (51) 9998-5220 ou pelo e-mail, gabrielkc_10@hotmail.com. Esta pesquisa faz parte da graduação para o curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, _____, li e entendi as informações precedentes e aceito contribuir, através do preenchimento de um questionário, para o estudo intitulado: “Análise do perfil de competências e das necessidades de formação dos treinadores de Voleibol”, realizado por Gabriel Kranen Cunha, graduando da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Portanto, concordo com tudo que foi acima citado e livremente dou o meu consentimento.

Assinatura do entrevistado

_____ de _____ de 2015.

Anexo II: Questionário aos Treinadores de Voleibol

QUESTIONÁRIO AOS TREINADORES DE VOLEIBOL

1. Identificação**1.1 Idade:****1.2 Gênero/Sexo:****1.3 Escolaridade:**

- Ensino Fundamental Incompleto
- Ensino Fundamental Completo
- Ensino Médio Incompleto
- Ensino Médio Completo
- Ensino Superior Incompleto
- Ensino Superior Completo (Ed. Física Plena, Licenciatura, Bacharelado, Outros)
- Outros **Qual?** _____

1.4 Formação Técnica (CBV):

Nível:_____ Ano de Conclusão:_____ Não possui

1.5 Nível e anos de prática como atleta**1.5.1 Antes ou até o Juvenil:**

- Nenhum Regional Nacional Internacional

1.5.2 N.º de Anos de Prática?_____**1.5.3 Como Profissional:**

- Nenhum Regional Nacional Internacional

1.5.4 N.º de Anos de Prática?_____**1.6 Nível e anos de prática como treinador**

- Nenhum Regional Nacional Internacional

1.6.1 N.º de Anos de Prática?_____**1.7 Categoria com que trabalhas atualmente? (admite múltipla escolha)**

- Mirim (idade máxima até 13 anos)
- Infantil (idade máxima até 15 anos)
- Infante-juvenil (idade máxima até 17 anos)
- Juvenil (idade máxima até 20 anos)
- Adulto (Sem limite de idade)

1.8 Âmbito em que trabalhas (admite múltipla escolha):

()Escolar ()Entidade Esportiva

2. O exercício da profissão de treinador exige diversas competências e conhecimentos. Nem todas terão para ti, a mesma importância na atividade profissional. Assinale a importância que atribui a cada uma delas, de acordo com a seguinte escala:

1	2	3	4	5
Sem Importância	Pequena Importância	Importância Razoável	Grande Importância	Muito grande Importância

	1	2	3	4	5
1. Conhecimentos de Anatomia e Fisiologia do Exercício					
2. Competências para cooperar na formação de outros treinadores					
3. Conhecimentos sobre nutrição esportiva					
4. Conhecimentos da recuperação após o exercício					
5. Conhecimentos de primeiros socorros					
6. Conhecimentos sobre o desenvolvimento motor humano					
7. Conhecimentos de psicologia do esporte					
8. Conhecimentos de avaliação da maturação biológica do indivíduo					
9. Conhecer, compreender e interpretar o papel do esporte na sociedade					
10. Conhecimentos sobre técnicas e estratégias pedagógicas					
11. Conhecimentos sobre técnicas de avaliação (Antropometria, VO2Máx, etc...)					
12. Capacidade de transmitir o conteúdo informativo de uma forma eficaz					
13. Dominar técnicas de comunicação pessoal					
14. Conhecimentos sobre a violência no esporte					
15. Conhecimentos sobre o "doping"					
16. Conhecimentos sobre os efeitos das atividades e/ou exercícios físicos					
17. Conhecimentos técnico – táticos da modalidade					
18. Capacidade de organizar e planejar a prática da atividade esportiva					
19. Conhecimentos de planejamento de treino					
20. Capacidade de identificar os erros e fornecer informação de correção					
21. Capacidade de operacionalizar a transmissão dos conteúdos					

22. Competências para estabelecer parâmetros e critérios de avaliação da prestação motora					
23. Competência para planejar, executar e avaliar programas de treinamento					
24. Conhecimentos de biomecânica do esporte					
25. Conhecimentos que permitam compreender e interpretar o comportamento do público					
26. Capacidade para promover a integração dos jovens com dificuldades					
27. Capacidade para promover a integração dos jovens provenientes de minorias étnicas					
28. Capacidade de compreender e interpretar o espírito esportivo (Fair-Play)					
29. Conhecimentos das políticas do esporte					
30. Dominar conhecimentos sobre a estrutura do sistema esportivo					
31. Dominar a legislação que regulamenta o sistema desportivo					
32. Conhecimentos de gestão e organização esportiva					
33. Envolver-se em equipes de pesquisa científica esportiva					
34. Capacidade de formular necessidades de pesquisa					
35. Conhecimentos para exercer funções diretivas					
36. Participar na formação de jovens treinadores					
37. Conhecimentos sobre a Formação pessoal e social					
38. Conhecimentos que permitam otimizar a relação com os pais					
39. Conhecimentos sobre facilitação das relações interpessoais					
40. O treinador deve possuir competências para reajustar a atuação profissional					
41. Conhecimentos sobre gestão de carreiras esportivas dos jogadores					
42. Conhecimentos sobre gestão de conflitos					
43. Potenciar uma interligação positiva entre a sua atividade e a vida pessoal					
44. Possuir capacidade de se auto-analisar / avaliar					
45. Demonstrar motivação para a atividade e para a progressão na carreira					
46. Conhecimentos sobre estratégias de promover o desenvolvimento moral dos praticantes					

3. Pedimos agora que dê sua opinião em relação às **Condições de Acesso a Formação**. Em cada categoria, **Assinale apenas uma das opções**.

3.1 Só devem ter acesso a carreira de treinador (Experiência Desportiva):

- () Antigos atletas/jogadores
 () Todos os indivíduos devem ter acesso à carreira de treinador

3.2 Só devem ter acesso a carreira de treinador (Escolaridade):

- () Indivíduos com ensino fundamental completo
 () Indivíduos com ensino médio completo
 () Indivíduos com ensino superior completo
 () Todos os indivíduos devem ter acesso à carreira de treinador

3.3 Só devem ter acesso à carreira de treinador (Formação Específica):

- () Indivíduos com formação realizada no Ensino Superior
 () Indivíduos com formação realizada nas entidades oficiais (CBV)
 () Todos podem ter acesso, desde que tenham formação específica
 () Todos podem ter acesso à carreira de treinador

4. Diga-nos, agora a sua opinião relativamente a quem deve ser a **Entidade responsável pela Formação Inicial** do Treinador. **Assinale apenas uma das opções:**

4.1 A formação inicial de treinadores deve ser realizada exclusivamente no Ensino Superior	
4.2 A formação inicial de treinadores deve ser realizada apenas no sistema esportivo (CBV)	
4.3 A formação inicial de treinadores deve ser realizada pelo sistema esportivo (CBV) e pelo sistema educativo (Ensino Superior)	

5. Em baixo são apresentadas algumas afirmações sobre **Estratégias de Formação Contínua do Treinador**. Assinale a importância que atribui a cada uma delas. Situe a sua opinião de acordo com a seguinte escala:

1	2	3	4	5
Sem Importância	Pequena Importância	Importância Razoável	Grande Importância	Muito grande Importância

	1	2	3	4	5
5.1 A frequência de ações de formação de reciclagem deve ser obrigatória para o treinador					

5.2 A formação contínua de treinadores deve ser realizada através de Cursos e Módulos de Formação (com exigência de avaliação final)					
5.3 A formação contínua de treinadores deve ser realizada através da supervisão presencial por parte de treinadores experientes (Estágios)					
5.4 A formação contínua de treinadores deve ser realizada através de “Clinics” (Seminários com um especialista)					
5.5 A formação contínua de treinadores deve ser realizada através de Seminários (Cursos breves com vários convidados especialistas)					
5.6 A formação contínua de treinadores deve ser realizada através de “Mentoring” (Papel de mentor, pessoa que encaminha outra, guia - Acompanhamento e apoio por colega experiente)					
5.7 A formação contínua de treinadores deve ser realizada através de “Counseling” (Aconselhamento a pedido por colega experiente e ou técnico(s) de outra(s) área(s) - Consulta de aconselhamento)					

Nesta parte final do questionário, procuramos recolher informações que nos permitam caracterizar a formação dos treinadores. (Formação Obrigatória e a Formação Contínua/Complementar)

6. Frequentou Cursos de Formação de Treinadores CBV (somente cursos CBV)?

() Não () Sim De que Nível? _____

6.1 Se nos últimos 5 anos frequentou cursos de treinadores, indique:

6.1.1 Designação do Curso _____

6.1.2 Duração (em horas) _____

6.1.3 Instituição Responsável _____

6.2 Como avalia o último curso de **Formação de Treinadores** em que participou (se este foi realizado nos últimos 5 anos):

	Insuficiente	Suficiente	Bom	Muito Bom
6.2.1 Duração total				
6.2.2 Duração da componente teórica				
6.2.3 Duração da componente prática				
6.2.4 Conteúdos programáticos				
6.2.5 Metodologias de formação				
6.2.6 Nível pedagógico dos formadores				
6.2.7 Nível de conhecimentos dos formadores				
6.2.8 Recursos pedagógico-didáticos				
6.2.9 Modelo de avaliação				
6.2.10 Entidade Responsável pela organização:				

7. Cursos Complementares na Formação de Treinadores (Palestras, Seminários, Clínicas, etc...).

7.1 Se nos últimos 5 anos frequentou algum destes cursos complementares de treinadores, indique:

7.1.1 Designação do Curso _____

7.1.2 Duração (em horas) _____

7.1.3 Instituição Responsável _____

7.2 Como avalia o último Curso Complementar em que participou (se este foi realizado nos últimos 5 anos)

	Insuficiente	Suficiente	Bom	Muito Bom
7.2.1 Duração total				
7.2.2 Duração da componente teórica				
7.2.3 Duração da componente prática				
7.2.4 Conteúdos programáticos				
7.2.5 Metodologias de formação				
7.2.6 Nível pedagógico dos formadores				
7.2.7 Nível de conhecimentos dos				

formadores				
7.2.8 Recursos pedagógico-didáticos				
7.2.9 Modelo de avaliação				
7.2.10 Entidade Responsável pela organização:				

8. Em relação ao seguinte conjunto de áreas, indique quais as **necessidades de formação** que julgas importante para o desempenho da atividade de treinador. Situe a sua opinião de acordo com a seguinte escala:

1	2	3	4
Nenhuma necessidade	Pouca necessidade	Alguma necessidade	Muita necessidade

	1	2	3	4
8.1 História da modalidade				
8.2 Organização e Regulamentação da modalidade				
8.3 Regras e arbitragem				
8.4 Equipamentos e tecnologia (Controle e avaliação do treino)				
8.5 Técnica e Tática				
8.6 Observação e análise estatística				
8.7 Pedagogia do desporto				
8.8 Psicologia do desporto				
8.9 Anatomia e Fisiologia Humana				
8.10 Fisiologia do Desporto				
8.11 Biomecânica				
8.12 Desenvolvimento de jovens praticantes				
8.13 Metodologia do treino				
8.14 Traumatologia e Fisioterapia				
8.15 Higiene e Primeiros Socorros				
8.16 Nutrição				
8.17 Gestão do desporto				
8.18 Outras. Quais?				

9. Numa escala de 1 a 4, indique, qual o grau de importância que atribui aos seguintes fatores no desempenho da atividade de treinador?

1	2	3	4
Nenhuma necessidade	Pouca necessidade	Alguma necessidade	Muita necessidade

	1	2	3	4
9.1 A formação acadêmica				
9.2 Participação em Seminários, Cursos e Ações de Formação para treinadores				
9.3 A experiência como praticante (anos de prática)				
9.4 Experiência da sua intervenção como treinador				
9.5 O trabalho com treinadores experientes				
9.6 A leitura de livros e/ou revistas especializadas				
9.7 A observação de competições nacionais / internacionais				
9.8 As suas características pessoais / personalidade				
9.9 Nível de prática como atleta				

Obrigado pela sua colaboração.